

C. Morais, L. Hardwick, and M. de F. Silva, (Eds.). (2017). *Portrayals of Antigone in Portugal 20th and 21st Century Rewritings of the Antigone Myth*. Leiden: Brill Academic Pub., Series: Metaforms, Studies in the Reception of Classical Antiquity, Vol 9. Hardcover: 361 pages. ISBN-10: 900434005X; ISBN-13: 978-9004340053

MARIA FERNANDA BRASETE¹ (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

Sob a chancela da prestigiada editora Brill Academic Pub., o volume em epígrafe representa o culminar de uma longa e aturada investigação empreendida por académicos de várias instituições universitárias, nacionais e internacionais, sobre as denominadas *Antígonas* portuguesas. É inegável o valor científico e a importância da presente obra, centrada na receção do mito de Antígona na dramaturgia portuguesa dos séculos XX e XXI, com o mérito acrescido de se tratar de uma publicação em língua inglesa, acessível, por isso, a um público leitor muito dilatado.

Vale a pena referir que, sobre a temática em apreço, fora já desenvolvido, em Portugal, Espanha, França e Reino Unido (nomeadamente em Oxford) um sólido trabalho de investigação que deu origem a várias publicações internacionais (citadas, na p. 2 da *Introduction*). No nosso país em particular, remontam ao ano de 2001, duas publicações específicas que rastream e analisaram as várias reescritas dramatúrgicas do mito da filha de Édipo: a obra *Representações de teatro clássico no Portugal Contemporâneo*, coordenada por Maria de Fátima Sousa e Silva, que, no Volume II (2001, pp. 40-80), dava notícia das representações de *Antígonas* (sofocliana, portuguesas e estrangeiras) nos palcos nacionais, ao longo do século XX; e o suplemento n.º 1 da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, coordenado por Carlos Morais, com o sugestivo título *Máscaras Portuguesas de Antígona*, que compreendia, pela primeira vez, sete estudos de conceituados classicistas portugueses sobre seis peças de dramaturgos novecentistas. Como seria de esperar, a inclusão desses estudos na obra em apreço implicou uma reformulação condizente com os objetivos e a organização desta publicação em língua inglesa.

Muito feliz e expressiva foi a opção de se inserir na capa dura do livro a ilustração de uma representação, ocorrida a maio de 2003, da peça *Antígona*

¹ mbrasete@ua.pt.

— *glosa da tragédia de Sófocles*, de António Pedro, levada à cena pelo Teatro Experimental do Porto (TEP). No seu todo, a obra dá provas de um esmerado trabalho de edição, pautado por grande rigor científico e metódico, levado a cabo pela Professora Emérita da Universidade de Oxford, Lorna Hardwick, uma especialista de renome no domínio dos estudos de receção clássica, em colaboração com os dois classicistas portugueses, que mais se têm dedicado ao estudo da reescrita contemporânea do mito de Antígona: Carlos Morais, Professor da Universidade de Aveiro, e Maria de Fátima Silva, Professora da Universidade de Coimbra.

No valioso estudo introdutório (pp. 1-10), assinado pelos três editores, enquadra-se o mito de Antígona, em linhas sucintas, no teatro ateniense do século V a.C, para realçar a autonomia que o seu carácter granjeou na tragédia homónima de Sófocles, fazendo-se depois referência aos quatro principais mitemas (dos seis estabelecidos por Fraise (1973)) que sustentam as apropriações alegóricas do mito em Portugal. Atendendo ao número significativo de peças contemporâneas inspiradas na figura modelar da filha de Édipo, bem como aos pertinentes estudos que classicistas portugueses e estrangeiros lhe dedicaram, entenderam os editores que a produção deste volume se justificava, não só pelo interesse que a temática tem despertado na comunidade académica ao longo das últimas décadas, mas também por tornar acessível a um público mais alargado o inegável valor das reescritas do mito de Antígona na dramaturgia portuguesa contemporânea, inspiradas no arquétipo sofocliano, mas onde se fundem, por vezes, outras fontes mais recentes, devido a um fecundo processo de *contaminatio*. As oportunas referências sinópticas à estrutura do livro, completadas depois por uma excelente contextualização das onze recriações dramáticas do “motivo” de Antígona em Portugal, constituem um outro mérito da parte introdutória do presente livro.

Dezoito ensaios dão corpo a outros tantos capítulos que se encontram distribuídos por duas partes: I. “Main Sources”, (pp. 13-109); II. “Portuguese Reception of Antigone (20th-21st Centuries)”, (pp. 111-312).

A secção inicial “Main Sources” compreende seis estudos sobre as fontes. A abrir, um estudo sobre o hipotexto grego, intitulado “Sophocles’ Antigone” (pp. 11-26), onde Rosa Andújar e Konstantinos Nikoloutsos, depois de contextualizarem a peça e de realçarem a atitude inovadora de Sófocles em face da conhecida tradição mítica, analisam três temas que consideram ser os mais influentes na receção moderna, e particularmente nas

reescritas portuguesas e brasileiras: “Tiranny and Oposition to Power”, “Death and Isolation”, “Divine Law and Secular Order”. No capítulo seguinte, Lorna Hardwick, sob o mesmo título dado ao volume em recensão, “Portraits of Antigone in Portugal and Brazil: The Reception of Antigone in the 20th and 21st Centuries” (pp. 27-42), começa por evocar a presença regular que as representações de dramas Gregos tiveram nos palcos europeus e americanos do século XIX. Seguidamente, procede a uma notável análise interpretativa das “múltiplas avenidas” (p. 33) que se entrecruzaram no complexo processo de receção da peça em todo o mundo, se bem que com especial incidência na Europa. Na senda de outros consagrados especialistas que cita, postula a ideia de que a retoma do tema de Antígona terá originado um “novo humanismo” (p. 36) com características universais, um modo peculiar de o homem se pensar criticamente nas mais diversas áreas da vida.

Os três capítulos que se seguem apresentam uma reflexão crítica sobre o tema de Antígona na dramaturgia francesa moderna e contemporânea, atendendo à influência que essas reescritas exerceram nos autores portugueses. No capítulo 3, o estudo de Stéphanie Urdician oferece uma síntese muito pertinente e rigorosamente fundamentada da “geneologia de Antígona” na dramaturgia francesa, como o próprio título anuncia: “Antigone’s French Genealogy” (pp. 43-56). No ensaio de Maria do Céu Fialho, no capítulo 4, intitulado “Jean Cocteau and Oedipus’ Daughter” (pp. 57-71), discute-se, numa análise bem contextualizada e documentada, a recriação inovadora do destino trágico da filha de Édipo, numa *Antigone* inspirada em Sófocles, mas provocadoramente distanciada das leituras tradicionais do mito. Igualmente no âmbito da dramaturgia francesa, o ensaio de Maria de Fátima Silva, sob o título “Jean Anouilh’s *Antigone*: A Free “translation” of Sophocles” (pp. 72-89), recupera outra Antígona francesa emblemática: a de Jean Anouilh. A reflexão da A. incide sobre as novidades que Anouilh introduziu na sua reescrita da tragédia grega, para que os significados do mito se ajustassem à época de decadência e de pós-guerra que então se vivia em França e na Europa. O último capítulo da primeira secção do livro, tem como autores dois especialistas espanhóis bem conhecidos no âmbito dos estudos de receção clássica, Andrés Pociña e Aurora López, que focam a sua análise na peça escrita por uma filósofa espanhola de renome internacional: María Zambrano. Assim, no estudo “Seven Reflections on María Zambrano’s *La Tumba de Antígona* (Antigone’s Tomb)”, (pp. 90-109), a peça, originaria-

mente publicada no México em 1967, é analisada com base em sete tópicos: “Studies before 2012”, “An Unacceptable Neglected”, “Na Essentially Dramatic Text: Antigone in Maria Zambrano”, “La Tumba de Antígona as a Dramatic Text”, “Characters, Monologues, Dialogues”, “Antígona Confronting Power: The Time of Antigone and the Time of Zambrano” e, por último, “Maria Zambrano’s Antigone and Some Later Others”. Os autores concluem o seu estudo expressando a opinião de que é possível admitir a influência da *Antígona* de Zambrano em duas peças portuguesas: *Perdição*, de Hélia Correia, e *Antes que a Noite Venha*, de Eduarda Dionísio.

A segunda e última secção é inteiramente dedicada às onze releituras do tema de Antígona na dramaturgia portuguesa, que abrangem os séculos XX e XXI. Os 12 capítulos que a compõem apresentam-nos estudos sobre dez peças de oito autores portugueses, publicadas e/ou representadas, maioritariamente, ao longo do século XX, além da recriação fílmica, de João Canijo, em *Ganhar a Vida* (2001).

Como esclarecem os editores na “Introdução”, a organização dos capítulos segue a ordem cronológica dos textos (p. 4), apesar de a obra cinematográfica de João Canijo aparecer localizada na década de 60, porque o argumento do filme se enquadra no contexto da emigração portuguesa que marcou essa época.

Na impossibilidade de dar conta, num texto de recensão, da riqueza de conteúdo contida em todos os estudos, limitar-me-ei a individualizar as contribuições dos vários autores, fazendo apenas breves referências às peças e aos temas tratados.

Tendo em consideração o proeminente significado político de que o mito de Antígona se revestiu no tempo da ditadura salazarista, os sete primeiros capítulos (7-13) incidem sobre a análise das “peças de resistência” de António Sérgio (1930, c. 1950, 1958), Júlio Dantas (1946), António Pedro (1953) e Mário Sacramento (1958).

Carlos Morais apresenta três estudos muito bem contextualizados, que denotam uma reflexão profunda e sistematizada, sobre as duas primeiras Antígonas portuguesas do século XX: “António Sérgio’s Antígona: “a social study in dialogue form”” (pp. 111–139); e “António Sérgio’s Antigone Revisited: Two Invectives against the Salazar Dictatorship” (pp. 140-159) e “Taking Liberties: António Pedro’s Recreation of Antigone” (pp. 175-191). Uma importante análise do enquadramento estético-teatral da peça de

António Pedro, *Antígona: Glosa nova da tragédia de Sófocles*, representada pela primeira vez, e aclamada pela crítica, em 1954, é posteriormente apresentada por Inês Alves Mendes, em “Antígona by António Pedro: Dialogues with European Aesthetic Currents” (pp. 192-206). O regresso ao mito no drama de Júlio Dantas merece um exame rigoroso e bem fundamentado, da autoria de Maria do Céu Fialho, num ensaio intitulado “Júlio Dantas’ Antigone: Or the Martyr of Late Romanticism” (pp. 160-174). Retomando as reescritas destes dois autores, Maria de Fátima Silva concentra a sua análise na figura do tirano, no ensaio intitulado “Creon, the Tyrant of Antigone on Stage: His Reception in Júlio Dantas and António Pedro during the Portuguese Dictatorship” (pp. 207-221), em que se propõe investigar o paralelismo existente entre o arquétipo sofocliano e as representações portuguesas dessa personagem profundamente simbólica no período da ditadura salazarista. Um processo de reescrita do tema de Antígona mais distante do modelo sofocliano transforma a peça em um ato de Mário Sacramento num drama de pendor filosófico, em que a resistência se torna um elemento dramático duplamente significativo, como procura demonstrar o estudo, intitulado “Antigone: Code Name – Mário Sacramento’s One-act Play” (pp. 222-238), da autoria de Maria Fernanda Brasete.

No capítulo 13, “‘Like a Ghost of Antigone’: Ganhar a Vida (Get a life), by João Canijo” (pp. 222-238), Nuno Simões Rodrigues empreende uma análise do filme português, descrito pelo próprio diretor como “a ghost of Antigone” (p. 240), e em que o *pathos* da protagonista contrasta com a atitude resignada dos seus congéneres emigrantes portugueses da década de 60, numa história que traz à lembrança, se bem de uma forma indireta e simbólica, a tradição mitográfica e trágica de Antígona.

O excelente ensaio de Ália Rosa Rodrigues (“Antigone, Daughter of the D’Annunzian Oedipus. The Oedipus Trilogy (1954) by Castro Osório”, (pp. 251-264)) dá a conhecer uma outra *Antígona* (1954) portuguesa, integrada na *Trilogia de Tróia* de João Castro Osório. Como declara a A., o seu objetivo principal é analisar os traços absolutamente singulares que marcam esta recriação do mito, numa peça que nunca alcançou o palco, demonstrando “how the classic paradigm is considered to be the model for the so-called “New Humanism” ou “New Era”, a twenties fashionable European ultra-nationalism topic which is also present throughout Castro Osório’s work” (pp. 251-2).

Nos dois capítulos que se seguem, respetivamente intitulados “Antigone, Fruit of a Twisted Vine: Hélia Correia’s *Perdição*” (pp. 265–284) e “A Brief “Antigone”: Eduarda Dionísio’s *Antes que a noite venha (Before the Night Comes)*”, (pp. 285–30), Maria de Fátima Silva ocupa-se de duas peças, escritas por mulheres, e cujas heroínas femininas se apresentam muito diversas da *Antígona* referencial. Ambas as peças foram objeto de representação, mas terá sido a de Eduarda Dionísio (*Antes que a noite venha*) a que maior sucesso alcançou nos palcos portugueses. Por outro lado, o drama de Hélia Correia, uma admiradora incondicional do antigo teatro clássico, revela uma leitura muito atenta da matriz sofocliana, mas empreende um “exercício” dramático que nada tem de convencional, e cuja protagonista é recriada de um modo absolutamente inovador, com base numa bem tecida malha de intertextualidade em que a lição do mito grego se funde com outras leituras mais recentes, possivelmente provenientes das versões de Anouilh e de María Zambrano.

No último capítulo (“Myth and Dystopia: Antígona Gelada (Frozen Antigone) by Armando Nascimento Rosa”, pp. 305–312), Maria do Céu Fialho procede a uma análise de uma última Antígona portuguesa: a peça de Armando Nascimento Rosa, intitulada *Antígona Gelada* (2007). Apesar de se pressentir neste drama a presença da tradição mitológica milenar, trata-se de uma releitura “futurista” do mito de Antígona, simbolicamente projetado numa (ante)visão distópica e desumanizada dos tempos vindouros em que o imaginário utópico se alia à ficção científica numa história ambígua em que o destino mítico parece congelado.

Na “Conclusão” (pp. 313-15), os editores salientam a importância literária, estética, ideológica e teatral que o mito de Antígona, imortalizado por Sófocles, alcançou no panorama da dramaturgia portuguesa contemporânea, e em especial o indiscutível valor simbólico-político que conquistou durante o período de ditadura do Estado Novo. Fazendo uma apreciação claramente elogiosa desta obra, que oferece ao leitor uma visão rigorosa das várias “máscaras” das Antígonas portuguesas, os editores finalizam com a ideia de que seja como “resistente”, como “mártir” ou simplesmente como “mulher”, Antígona permanecerá como “o pêndulo do mundo”, citando as palavras de Marguerite Yourcenar.

A enriquecer esta obra e a facilitar a sua leitura por parte do público especializado ou do leitor comum, encontra-se, no final do volume, um muito útil *Appendix* que compreende uma “Cronologia das recriações, edições e

performances” (pp. 316-320), seguida de uma Bibliografia seleta única, repartida em “Editions and translations”, “Rewriting Sophoclean Antigone” e “Websites”. A fechar o livro, dois Índices cuidadosamente elaborados e apresentados: um *Index Locurum*, seguido de um “Index of Subjects”.

No seu conjunto, esta obra, primorosamente organizada, impõe-se no domínio dos estudos de receção clássica pelo rigor científico com que a temática cativante da escrita e rescrita dramáticas do mito de Antígona, um dos mais fascinantes e paradigmáticos do imaginário ocidental, é amplamente tratada. A qualidade dos estudos apresentados em língua inglesa, que revisitam com notável entusiasmo e profundidade de análise a dramaturgia portuguesa dos séculos XX e XXI sobre o mito de Antígona, parece justificar que novos espaços de reflexão crítica e de partilha de saberes, como o que se regista nestas 361 páginas, possam originar a outras edições em língua inglesa e, assim, fascinar os mais diversos leitores, aquém e além-fronteiras.

M. F. Silva, M. C. Fialho, J. L. O. Brandão, (Eds). (2016). *Livro do Tempo: Escritas e reescritas. Teatro Greco-Latino e sua recepção*. Vols. I e II. Coimbra – São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra – Annablume. 379 + 466 pp.; Vol. I: ISSN 978-989-26-1277-5; DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1278-2>; Vol. II: ISSN 2182-8814; DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1298-0>

MARIA FERNANDA BRASETE² (*Universidade de Aveiro – Portugal*)

Os volumes em epígrafe, publicados na Coleção *Humanitas Supplementum*, apresentam 53 estudos de autores portugueses e estrangeiros, sobre uma temática duplicada — o teatro greco-latino e a sua receção — de interesse reconhecido e muito atual, no domínio dos estudos clássicos, quer no panorama nacional como internacional. A decisão de dividir os numerosos estudos por dois volumes é explicada pelos coordenadores na “Apresentação”, colocada no início do Vol. I (p.15). Os critérios basearam-se no facto de a multiplicidade de contributos se repartirem entre análises de textos do antigo teatro greco-latino e estudos sobre a sua receção, num arco cronológico que se expande até aos nossos dias. Além do contributo específico trazido por cada um dos colaboradores, ressalta nos dois volumes uma convergência inabitual de diferentes tipos de abordagem — filológica, lite-

² mbrasete@ua.pt.

rária, dramática, comparatista, de receção, etc. — de peças e figuras da tragédia e comédia greco-latinas, em que não foram descuradas questões de índole teatral. A amplitude de estudos focados no processo de reescrita ou reposição de peças antigas abrange diferentes épocas, se bem que a maior parte incida sobre a nossa contemporaneidade. Também de assinalar o mérito de o segundo volume congregar o contributo de investigadores seniores e juniores, num amplo leque de estudos de receção do teatro greco-latino, que envolve sete países: Portugal, Espanha, América, Itália, França, Reino Unido. Assim, uma das maiores riquezas da obra reside, precisamente, na enorme pluralidade de perspectivas de análise adotadas, quer em relação aos textos clássicos, quer no diálogo incessante que se instituiu, ao longo dos séculos entre a tragédia e a comédia greco-romanas e as literaturas do mundo ocidental, com especial predominância para as europeias e latino-americanas.

Sob o título sugestivo *Livro do Tempo: Escritas e reescritas*, o primeiro volume apresenta um conjunto de 22 estudos, justificadamente distribuídos por duas rubricas: “Teatro Grego e “Teatro Latino”. Inclui ainda um muito útil *Index* de autores e textos citados, seguido de uma oportuna “Apresentação dos autores” a finalizar.

Nesta primeira parte da obra, dedicada à “escrita”, ou seja, aos textos do teatro greco-latino, devem destacar-se os temas e as metodologias de análise, bem como a diversidade de abordagens utilizadas no estudo de um número significativo de peças dos autores gregos e latinos (predominantemente de Eurípides, mas também de Aristófanes, de Plauto e de Séneca). Muito relevantes para uma melhor compreensão do antigo teatro clássico, se revelam os diversos temas e figuras escolhidos para objeto de análise e reflexão. Entre questões temáticas mais amplas (como “teatro, mito e política”, “narrativa do passado”, “motivos de um amor desgraçado”, “comédia vs. tragédia”, “o *topos* do Voyeurismo”, “etnicidade”, “o uso da ironia” ou “dissolução do trágico”) e a análise de figuras, principais e secundárias, (nomeadamente, Egisto, o velho, o servo ancião, Fedra e Hipólito, Hércules, Helena, Agave, Medeia), contam-se ainda estudos mais específicos, como é o caso de um que incide sobre uma recente descoberta papirográfica (o texto fragmentário de uma peça desconhecida de Eurípides, intitulada *Ino*), de um outro sobre a tragédia cristã *Christos Paschon*, ou da pertinente reflexão sobre a dimensão semântica do ator trágico, baseada na *Poética* e na *Retórica* aristotélicas. Além de todos os capítulos, na sua amplitude temática, oferecerem ao leitor um conspecto ilustrativo e rigorosa-

mente fundamentado da vitalidade que os estudos clássicos desfrutam nos nossos dias, apresentam ainda, no final, uma bibliografia bem selecionada e pertinente sobre as respetivas temáticas.

Na impossibilidade de se comentarem todos os estudos nesta breve recensão, parece justificar-se que se mencionem os 22 autores que retomaram ou abriram novos caminhos a questões atinentes ao teatro greco-latino. Os seus nomes seguem a ordem apresentada no livro: José Vte. Bañuls Oller, Andrea Navarro Noguera, Cecília Ames, Fábio de Souza Lessa, Maria do Céu Fialho, Delfm F. Leão, Andrés Pociña, Giorgio Ieranò, Francisca Gómez Seijo, Carmen Morenilla, María Cecilia Colombani, Juan Tobías Nápoli, P. J. Finglass, Paula Barata Dias, Carolina Reznik, Francesco De Martino, Vivian Lorena Navarro Martínez, Joana Bárbara Fonseca, Renato Rafaelli, José Luís L. Brandão, Román Bravo Díaz, C. Arias Abellán e Aldo Lopes Dinucci.

Significativamente mais volumoso, o tomo II da presente obra compreende 31 capítulos dedicados a estudos de receção do teatro greco-romano, fazendo jus à designação “reescrita” que figura no título. Os estudos agrupam-se em função das diferentes nacionalidades dos autores e obras que foram objeto de estudo, e segue-se uma ordenação cronológica. Assim, na primeira secção, dedicada à “Receção em Portugal e em Espanha”, os dois capítulos iniciais ocupam-se do Teatro de Gil Vicente e de uma *Electra* praticamente desconhecida, escrita pelo Árcade português Francisco Dias Gomes. Os restantes estudos que integram esta primeira parte incidem sobre autores e peças contemporâneas (séculos XX e XXI). No âmbito das literaturas dramáticas portuguesa, galega, espanhola, argentina, venezuelana, italiana, francesa e inglesa, os ensaios dos investigadores, nacionais e estrangeiros, analisam uma ampla variedade de aspetos de receção clássica, em particular questões de intertextualidade, em obras selecionadas dos seguintes autores: Carlos Jorge Pessoa (*Escrita da água: no rasto de Medeia*); Hélia Correia (*Desmesura. Exercício com Medeia*), Gonçalo M. Tavares (*Alceste*); Salvador Espriu e José Bergamín (*Antígona*); Juan Timoneda (tradução do *Anfitrião*, de Plauto); R. Otero Pedrayo (*A Lagarada*); Ricardo Carvalho-Calero (*A sombra de Orfeu*); Lourdes Ortiz (*Fedra*); Andrés Pociña (*Unha tardiña en Mitilene e Antígona frente a los jueces*); Constanza Maral (*Allá donde fuéramos*); Sergio De Cecco (*El Reñidero*); Juan Oscar Ponferra (*El carnaval del diablo*); Omar del Carlo (*Electra al amanecer*); Alberto de Zavalía (*El límite*); Mariano Moro (*Matarás a tu madre*); Marcelo Marán (*Antígona 1-11-14 del Bajo Flores*); Ariel

Dorfman (*Purgatorio*); León Ezequiel Febres-Cordero (*El último minotauro, Clitemnestra e Penteo*) Vico Faggi (*Un certo giorno di un certo anno in Aulide*); Patrizia Monaco (*Condominio mitológico e Penelopeide*); Marguerite Yourcenar (*Le Mystère d'Alceste*); Shakespeare (*Twelfth Night*). De salientar ainda que três dos ensaios publicados neste volume se distinguem dos restantes por uma abordagem de cariz interdisciplinar, como é o caso da reflexão sobre questões de encenação teatral das comédias de Terêncio na atualidade, ou sobre a figura de Ariadne na ópera *Ariane et Barbe-Bleu*, de Maeterlinck, sem esquecer o estimulante cotejo do *topos* trágico do sacrifício de Ifigénia com a série televisiva norte-americana *Game of Thrones*.

A diversidade de obras, rigorosamente contextualizadas, a profundidade das análises, que se apresentam bem fundamentadas em autores antigos e modernos, bem como a abundância de *topoi* examinados não permitem que se façam algumas considerações, mesmo que breves, sobre cada um dos estudos que compõem o livro em recensão. Não faltarão motivos de entusiasmo ao leitor para usufruir destas reflexões que constituem, sem sombra de dúvidas, um testemunho substancial e muito profícuo sobre a perenidade do teatro greco-latino, aquém e além-fronteiras. O elenco de autores deste II volume é também notável e congrega várias nacionalidades: Andrés José Pociña López, Maria Fernanda Brasete, Susana Hora Marques, Maria António Hörster & Maria de Fátima Silva, Jorge Deserto, Carlos Morais, María Jesús Pérez Ibáñez, Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Maria Pilar Garcia Negro, Aurora López, M.^a Teresa Amado Rodríguez, Noelia Cendán Teijeir, Iria Pedreira Sanjurjo, María Inés Grimoldi, Rómulo Pianacci, Lía Galán, Ariel Arturo Herrera Alfaro, Concepción López Rodríguez, Aníbal A. Biglieri, Stéphanie Urdician, María Inés Saravia, Begoña Ortega Villaro, Carlos Dimeo, Daniele Cerrato, Mercedes Arriaga Flórez, Roberto Trovato, Milagro Martín Clavijo, Pascale Auraix-Jonchière, Rémy Poignault, Mónica Mafía e Fernanda Borges da Costa.

Muito mais se poderia dizer sobre o precioso conteúdo destes dois encorpados volumes (825 páginas, no total) que nos chegam sob uma feliz conceção gráfica, que é, aliás, apanágio desta valiosa série editada por Imprensa da Universidade de Coimbra-Annablume. As contribuições de vários autores permitem que se reúnam, nestes dois livros, um conjunto de perspetivas diversificadas e inovadoras sobre a “escrita” e “reescrita” do teatro clássico, grego e latino, que se complementam e constituem um excelente exemplo dos

objetivos que se podem alcançar a partir de uma colaboração frutífera entre investigadores de diferentes países e instituições universitárias.

Por último, há que felicitar os editores desta obra, Maria de Fátima Silva, Maria do Céu Fialho e José Luís Brandão, os autores dos excelentes estudos que a compõem e a Imprensa da Universidade de Coimbra, muitas vezes em associação com a editora brasileira Annablume, pelo importante trabalho de edição e divulgação de livros tão importantes como estes, na sempre atual área dos estudos clássicos.

C. Pimentel e P. Mourão (Coords.). (2017). *A Literatura Clássica ou os Clássicos da Literatura. Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa. Vol. III. Lisboa: Editora Campo da Comunicação, Coleção Documentos. 412 pp.; ISSN: 978-989-6465-35-1; 978-989-6465-40-5.*

MARIA FERNANDA BRASETE³ (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

Este novo volume surge em continuidade de dois outros livros de atas, editados respetivamente em 2012 e em 2014, e consiste numa coletânea de ensaios, fruto do “III Colóquio Internacional *A literatura clássica ou os clássicos na Literatura*”, que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, entre os dias 2 e 4 de dezembro de 2015. A coordenação científica desta coleção mantém-se a cargo das Professoras Doutoras Cristina Pimentel e Paula Morão, responsáveis também pela organização da terceira edição do Colóquio que teve por objetivo promover uma reflexão crítica em torno da receção da Antiguidade greco-latina nas Literaturas Portuguesa, Brasileira, Galega e dos Países Africanos de língua oficial portuguesa. No breve Prefácio, explicitam as coordenadoras que a diversidade de ensaios apresentados confirma “o propósito inicial [de] trilhar as vias do fecundo cruzamento dos alicerces clássicos na literatura portuguesa de todas as épocas” (p. 8). Sendo que 2017 foi o ano em que a academia portuguesa, e os classicistas em especial, perderam um dos seus vultos de maior renome nacional e internacional, que dedicara a vida à celebração viva dos Clássicos, a saudosa Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, decidiram as organizadoras homenagear, com este volume, a memória da “maior classicista portuguesa” (p. 8).

Nesta edição de elevada qualidade científica, investigam-se os modos como se processam a alusão literária e a assimilação de matrizes da Antigui-

³ mbratese@ua.pt.

dade Clássica num número muito significativos de escritores portugueses e brasileiros, em cujas obras a intertextualidade, mais ou menos evidente, se converte num relevante operador de leitura hermenêutica. O volume em recensão compõe-se de 29 estudos, que seguem a ordem cronológica dos autores de que se ocupam, e termina com dois testemunhos valiosos das escritoras portuguesas Teolinda Gersão e Lídia Jorge.

A abrir, Maria do Socorro Fernandes de Carvalho retoma autores como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, entre outros, para discutir, de um ponto de vista retórico, o conceito de “modelo”, num ensaio intitulado “Introdução ao Estudo do Conceito Retórico de Modelo” (pp. 9-24). Em “Leituras renascentistas de Luciano: o prólogo da Comédia *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos” (pp. 25-35), Maria Luísa de Oliveira Resende centra-se, especialmente, na influência do escritor de Samósata na comédia renascentista *Aulegrafia*, cujo *prologizon* é Momo, o deus do sarcasmo. Ricardo Nobre (“E perdoe-me a ilustre Grécia e Roma”: sobre a história antiga n’*Os Lusíadas*, de Luís de Camões”, pp. 37-49) estabelece uma comparação entre heróis portugueses e personalidades da Antiguidade Clássica n’*Os Lusíadas*, para realçar o importante significado que este tipo de referências detém na construção da epopeia. Em “A Cena típica da Cruz” (pp. 51-63), Luís Miguel Ferreira Henriques examina, a partir da cena típica do estandarte, o recorte “político, didático e moralizante” (p. 62) que o discurso historiográfico adquiriu, sob influência dos antigos romanos, na época do Renascimento. No ensaio seguinte (“Um poema a quatro mãos: Faria e Sousa comentador e poeta”, pp. 65-79), Maria do Céu Fraga debruça-se sobre poesia bucólica de Faria e Sousa, concluindo que na égloga *Sintra* “é possível reconhecer no pastor Almeno uma figura alegórica de Camões” (p. 75).

A influência clássica em dois escritores portugueses do século XVII é abordada nos dois ensaios que se seguem: a análise de Marcelo Lachat (“A consolação da poesia em sonetos morais de D. Francisco Manuel de Melo”, pp. 81-91) incide sobre as repercussões dos princípios da filosofia estoico-cristã em dois poemas do multifacetado escritor seiscentista; o estudo assinado por Arnaldo Espírito Santo e Cristina Costa Gomes (“Presença dos Clássicos nas Cartas de Tomás de Figueiredo, S.J. (1646-1708)”, pp. 93-106) apresenta uma reflexão bem documentada sobre “o cruzamento da cultura clássica [...] com a vivência espiritual e religiosa do século XVII” (p.105).

Teodoro de Almeida e Cândido Lusitano são os dois poetas estudados nos estimulantes ensaios de Zulmira Santos (“As margens do texto e a herança clássica: a segunda edição de *O Feliz Independente*”, pp. 107-121) e de Cíntia Martins Sanches (“A produção e a tradução de tragédias em decassílabo português e o estilo tradutório de Cândido Lusitano para o *Édipo* de Sêneca”, pp. 123-134).

Tomam-se, de seguida, como âmbito de estudo, obras e escritores portugueses do século XIX. No ensaio de Ana Rita Figueira (“Os Antecedentes da Guerra de Tróia em *Bella Helena* de Mendes Leal”, pp. 135-145), foca-se a tradução livre da última versão do *libretto* da opereta romântica *La Belle Hélène*, de Offenbach (1964), realizada pelo escritor português, devidamente contextualizada, numa análise intertextual e interdisciplinar que procura redefinir a figura de Helena, com base nos paralelismos e variações que o cotejo dos textos possibilita. A marcada influência da célebre *Oração da Coroa* do ateniense Demóstenes, nas duas versões portuguesas, constitui o tema de estudo de Abel do Nascimento Pena em “Eloquência e liberdade: Demóstenes e a *Oração da Coroa* nas versões de Latino Coelho e de Vieira de Almeida”, (pp. 147-167). Os ecos clássicos no discurso memorialístico de três obras de Eça de Queirós (*Correspondência de Fradique Mendes*, *A Cidade e as Serras* e o *Conde de Abranhos*) são avaliados de forma breve, mas muito perspicaz, em “A presença da Antiguidade Clássica nos relatos memorialístico da ficção queirosiana” (pp. 169-192), da autoria de Ana Paula Pinto. O “classicismo” que se descortina na poesia de Eugénio de Castro é examinado na relação fecunda que estabelece com o “modernismo” por Miguel Filipe Mochila, em “Presença e vontade do classicismo em Eugénio de Castro” (pp. 193-206).

A parte dedicada à literatura portuguesa do século XX inicia-se com dois ensaios dedicados a Fernando Pessoa. O primeiro, de Patrícia Soares Martins, intitulado “A Arena Pagã do Barão de Teive: Para uma Leitura de *A Educação do Estóico* de Fernando Pessoa” (pp. 207-220) pretende analisar de que modo a obra do mais desconhecido semi-heterónimo de Pessoa encena “uma teoria do trágico no sentido que lhe conferiu Hölderlin, isto é, de um trágico sem tragédia, em primeiro lugar, e finalmente, de uma desconstrução do trágico” (p. 219). No seu estudo “Quando regressam os deuses? Para uma teologia das odes de Ricardo Reis” (pp. 221-235), Pedro Braga Falcão divide a sua pertinente discussão do elemento religioso na obra do heterónimo

peçoano em seis categorias para concluir que “vemos, então, no neopaganismo não exatamente um “politeísmo”, mas mais precisamente um “monismo” (p. 234).

Os dois ensaios seguintes recuperam dois nomes de grande importância no panorama literário do século XX, mas por vezes esquecidos: Teixeira de Pascoaes e Aquilino Ribeiro. António Cândido Franco, num sugestivo título “O Espírito Bárbaro Cristão e o Demónio Ciceroniano: Aspectos de São Jerónimo de Teixeira de Pascoaes” (pp. 237-243), traz à discussão o *topos* do anticlassicismo na obra do escritor, para concluir que “se é que efectivamente existiu antes, entra em colapso definitivo no livro de 1936” (p. 239). Da análise das referências, apesar de breves, às figuras de Dáfnis e de Cloe, no primeiro romance de Aquilino Ribeiro, *A Vida Sinuosa* (1918), ocupa-se Cristina Abranches Guerreiro no estudo, intitulado “Ecos de Dáfnis e Cloe em *A Vida Sinuosa* de Aquilino Ribeiro” (pp. 245-252).

Safo e as “Auroras” homéricas são as duas referências clássicas que dão o mote aos estudos seguintes. Em “Safo na Grécia, Faustino no Brasil: a solidão da noite alta” (pp. 253-266), Marina Pelluci Duarte Mortoza intenta descortinar ressonâncias temáticas da poesia sáfica na obra do poeta brasileiro Mário Faustino. Já no artigo de Tereza Virgínia Barbosa (“Auroras e manhãs homéricas no Sertão de Rosa (I)”, pp. 267-276) se dá conta do importante significado que detêm as revisitações homéricas do escritor mineiro, especialmente nos epítetos e fórmulas relativas à “Aurora”, na *Iliada*.

O fascínio exercido pela figura da mãe do imperador Nero, Agripina, leva Maria José Ferreira Lopes a retomar as fontes históricas tradicionais para concentrar a sua análise (“*Cuius est ueritas?* Dois relatos memorialistas pós-modernos da Imperatriz Agripina”, pp. 277-297) em duas obras contemporâneas: *Memórias de Agripina* (1993), de Seomara da Veiga Ferreira, e *Mémoires d'Agrippine* (1994), de Pierre Grimal.

Seguem-se três estudos dedicados à obra de Vergílio Ferreira. No primeiro, assinado por Isabel Pires de Lima, e que se intitula “Vergílio Ferreira: Declinações da presença dos Clássicos” (pp. 299-312), rastreiam-se algumas das influências/referências clássicas que atravessam a escrita vergiliana. Numa senda análoga, e com o objetivo de sublinhar o “desconforto” (p. 313) que o escritor denota em referir as suas influências literárias, nomeadamente clássicas, Rosa Maria Goulart (“Vergílio Ferreira: a cultura dos “poetas mortos”, pp. 313-321) procede a uma reflexão crítica em

torno da interrogação que conclui o seu texto: “Vergílio Ferreira: um clássico olhando com inquietação o futuro ou um (pós) moderno com saudades do passado? (p. 321). No estudo de teor comparatista, apresentado por Ana Seíça de Carvalho (“Sobre o envelhecimento: visões de marco Túlio Cícero e de Vergílio Ferreira num esboço comparatista”, pp. 323-332), destacam-se as visões diferenciadas que os dois autores apresentam da velhice.

Partindo da premissa de que nós não conhecemos, de facto, a cultura clássica porque ela nos chegou por “sucessivas mediações e interpretações” (p. 333), José Pedro Serra apresenta-nos uma reflexão hermenêutico-literária sobre um romance “clássico” de Mário de Carvalho (“Enquanto um mundo cai, *Um deus passeando pela brisa da tarde*”, pp. 333-344), estruturada em três eixos temáticos: “O lugar”, “A época” e “A narrativa: acção e construção do sentido”.

No estudo “Catástrofe e Ruína – Entre Synésius de Cirene e João Miguel Fernandes Jorge” (pp. 345-354), Francisco Saraiva Fino examina a influência exercida pela obra do filósofo grego neoplatónico do século IV a.C. na escrita poética de Fernandes Jorge, comungando ambos os autores de uma leitura do tempo como ruína, num nível simultaneamente ontológico e material.

A poesia de Nuno Júdice ocupa um espaço de reflexão no ensaio de José Cândido de Oliveira Martins, em “Metamorfoses de Narciso na poética de Nuno Júdice” (pp. 355-366), estruturado em torno de três eixos temáticos: 1. “Múltiplos reflexos de Narciso”, 2. “Figurações de Narciso em Nuno Júdice”; 3. “Imagens de melancolia”.

Cruzando a poesia de Nuno Júdice com uma breve incursão na literatura moçambicana, Rosa Costa, no seu artigo “O Regresso aos clássicos em “Canto marítimo” e “A infinita fiadeira” (pp. 367-375), apresenta uma reflexão sobre a retoma dos clássicos, com base num conto de Mia Couto e num poema do poeta português.

Uma Viagem à Índia, de Gonçalo M. Tavares, constitui a obra em análise no estudo de Ana Isabel Correia Martins, intitulado “Uma Viagem à Índia: itinerâncias melancólicas de um (anti)-herói clássico (pp. 377-387). A análise desta “odisseia” metafísica do pensamento desdobra-se em três itens temáticos: “1. A melancolia de Bloom: os heróis também choram?”; “2. Os *loci communes* clássicos e a hibridização do género”; “3. O(s) (des)Amor(es) de Bloom: índias não cartografadas em mapas”.

A finalizar a secção de estudos, “*A Rocha Branca*, de Fernando Campos: uma imagem heterodoxa de Safo?”, Cristina Costa Vieira, depois de indagar

os principais motivos da imortalidade da poesia de Safo, concentra a sua análise em dois “imagotipos”, a da “glória literária” e a do “suicídio por motivos passionais” no romance de Fernando Campos, cujo argumento nos transporta para a ilha de Lesbos no Mar Egeu.

Por último, a fechar o volume, aparecem os Testemunhos de duas escritoras portuguesas contemporâneas, com um percurso literário de reconhecido mérito. Teolinda Gersão evoca algumas das suas obras, com grande destaque para o romance *A Cidade de Ulisses*, por forma a esclarecer algumas das inevitáveis influências que as matrizes clássicas exerceram, de forma consciente ou inconsciente, no seu fecundo processo de escrita literária. Por sua vez, Lídia Jorge confessa a relação, de maior dependência ou distanciamento, e também afetiva, que manteve com esses textos modelares da Antiguidade, considerados “inaugurais [...] e indispensáveis para o entendimento da Humanidade”. Lamentando que se registe, nos tempos de hoje, um certo desinteresse pela aprendizagem e conhecimento da literatura e cultura clássicas, relembra como, afinal, os mitos antigos, os valores do nosso mundo, ideais como o da liberdade e da justiça povoam o imaginário contemporâneo e habitam o nosso espírito enquanto ser humanos.

O volume, agora publicado sob a chancela da Editora Campo da Comunicação, revela-se um instrumento de trabalho muito útil e oportuno, no âmbito dos estudos de receção da Antiguidade Clássica em literaturas de língua portuguesa. Pensado não só para um leitor especialista, tem o mérito de se tornar acessível também a um público mais alargado. No seu conjunto, os ensaios coligidos são inovadores, e é estimulante a perspetivação que nos fornecem dos autores e temáticas abordados. Alguns dos estudos apresentam-se como um bom ponto de partida para investigações mais desenvolvidas.

As referências bibliográficas, sempre organizadas por um critério seletivo, aparecem localizadas no final de cada capítulo.

Nota-se, no entanto, a falta de um índice remissivo no final, que permita ao leitor um acesso rápido a autores, antigos e modernos, bem como às obras citadas.

Para concluir, importa frisar que se trata de uma obra de grande interesse para quem procure compreender a importância das matrizes clássicas em literaturas de língua portuguesa, e conhecer as bases corretas para a investigação e problematização do tema.

Carlos A. M. de Jesus (2017). *POESIA E ICONOGRAFIA. Mito, desporto e imagem nos epinícios de Baquilides*. Porto: Fundação Eugénio de Almeida. ISBN: 978-972-8012-44-1, 540 págs.

MARIA FERNANDA BRASETE⁴ (*Universidade de Aveiro – Portugal*)

A obra em análise representa o ponto culminante de uma aturada investigação realizada pelo A., no âmbito da dissertação de Doutoramento em Estudos Clássicos, na especialidade de Literatura Grega, apresentada, em 2012, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob o título “Poesia e iconografia: o mito nos Epinícios de Baquilides”, um estudo único em língua portuguesa, no âmbito da investigação realizada em torno deste poeta incluído no cânone alexandrino. Poderá dizer-se que a publicação que deu agora à estampa, sob o patrocínio da prestigiada Fundação Eugénia de Almeida, se trata de um estudo aprofundado, inquestionavelmente original, sobre este poeta lírico originário Ceos (tal como o seu sobrinho Simónides), que coloca em diálogo poesia e iconografia de um modo singularíssimo, e em língua portuguesa.

Como afirma o A. na parte introdutória do volume, que figura sob o título “Adentrar-se em Baquilides” (pp. 13-18), a presente opção de centrar a sua investigação, exclusivamente, nos textos dos epinícios que encerram narrativas mais ou menos desenvolvidas de episódios míticos com valor retórico e função paradigmática indiscutíveis, justifica-se pela intenção de realçar a ideia de que, entre poesia e iconografia, existe “um diálogo mais de colaboração do que de imitação” (p. 14) e ambos os registos se constituem como “poéticas do mito, formas válidas de o criar e recriar, com as características, valências e limitações inerentes a cada um” (p. 14).

Depois das “Observações Preliminares” (pp. 19-20), em que se explicitam os critérios utilizados na citação dos fragmentos, dos autores, das obras, das edições e dos vasos gregos, a obra desdobra-se por duas extensas secções: Primeira Parte: Dados Preliminares (pp. 23-185); Segunda Parte: Mito, Desporto e Artes Plásticas nos Epinícios de Baquilides (189-442).

Por razões que se prendem com os limites de um texto de recensão e com a riqueza de conteúdo da obra em apreço, limitar-me-ei a fazer breves anotações dos diversos capítulos que compõem as duas partes referidas. Importará, desde já, dizer que o enorme rigor e exigência científica que cara-

⁴ mbrates@ua.pt.

terizam este estudo torná-lo-ão uma referência absolutamente obrigatória para a investigação do poeta e da temática em questão. O leitor/estudioso encontrará aqui uma quantidade muito considerável de informação, de referências preciosas a muitas das questões que têm alimentado a fortuna crítica da poesia de Baquilides, de interpretações competentes e bem documentadas de um número muito significativo de epinícios, bem como da sua notável relação com a iconografia.

Vejamus como o A. organiza a I Parte. Após um capítulo introdutório e de contextualização, intitulado “Aproximações à narrativa mítica: entre poesia e artes plásticas” (pp. 23-89), o foco de análise recai sobre a peculiar inter-relação entre “Mito e desporto: celebração poética e plástica da vitória” (pp. 91-133). No terceiro capítulo (pp. 133-185), dedicado ao “percurso biográfico e artístico de Baquilides, a inquirição desdobra-se entre uma parte A, intitulada “Cronologias e espaços de mobilidade” e uma parte B, “Conhecimento e recuperação de um poeta”.

O núcleo mais substancial do presente estudo abarca toda a Parte II: “Mito, Desporto E Artes Plásticas nos Epinícios de Baquilides” (pp. 184-442). Constituída por duas secções repartidas por numerosos itens de análise complementares, cuja enumeração seria importante, mas fastidiosa, o A. promove uma articulação profundamente rigorosa e muito bem fundamentada entre as narrativas mitológicas de alguns epinícios, na essência profundamente ecrásticas, as *praxeis* atléticas e as suas representações iconográficas, tanto pictográficas quanto escultóricas.

De salientar que cada capítulo, complementado por diversos sub-capítulos, revela um tratamento especializado e em profundidade das temáticas abordadas, que compreendem interpretações exegéticas, comentários filológicos, discussão de soluções ecdóticas para problemas mais críticos e, é claro, uma apresentação sequencial de textos gregos e de versões em português dos epinícios baquilidianos estudados. O rigor e a exigência postos na elaboração deste excelente estudo evidenciam-se igualmente na qualidade das traduções, caldeadas sempre por uma apurada sensibilidade poética. Recorde-se que, em 2014, C.A M. de Jesus havia já publicado, sob a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, a obra *Baquilides. Odes e fragmentos. Tradução do grego, introdução e comentário*, ou seja uma versão em língua portuguesa do *corpus* conhecido do poeta lírico de Ceos.

Por último, na “Parte III. O Mito nos Epinícios de Baquilides. Conclusões”, o A., se bem que confesse “a dificuldade de estabelecer conclusões definitivas (p. 454), apresenta uma reflexão sistematizada e convenientemente estruturada dos principais aspetos linguístico-poéticos e histórico-culturais, fundamentados em notas criteriosas e precisas, com o objetivo de caracterizar este género de lírica coral no contexto da *poiesis* de Baquilides, originalmente alicerçada numa complexa tradição mítico-poética e plástica. Como conclui o A. “os mitos escolhidos por Baquilides fariam parte de um reportório tradicional, uma macro-tradição da qual ambas as atualizações, poesia e iconografia, são afinal duas manifestações que há tomar num mesmo patamar de criatividade e autoridade” (p. 455).

A fechar esta obra monumental, apresenta-se uma Bibliografia criteriosamente selecionada e atualizada e um bem organizado e proveitoso “Índice de Nomes e Autores”, que se estende por 48 páginas. Por fim, igualmente valiosos são o “Índice de Termos Gregos” e um outro sobre as fascinantes ilustrações apresentadas na obra.

Muito mais se poderia dizer sobre este precioso volume de 540 páginas, muito bem organizado numa edição esmerada e quase sem gralhas. A elevada qualidade da obra em recensão comprova o rigor da investigação levada a cabo por Carlos Martins de Jesus, uma das vozes mais autorizadas neste domínio dos estudos da lírica arcaica e, especialmente, da lírica coral de Baquilides.

J. V. Bañuls & F. De Martino (eds.) (2017). *El coro dramático, un personaje singular*. Bari: Levante Editori. 445 pp. ISBN: 978-88-7949-681-0; ISSN 1723-4891

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA⁵ (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro – Portugal*)

Editado por José Vicente Bañuls e Francesco De Martino, o volume resulta do vigésimo congresso organizado pelo Grup Sagunt. Grup de Recerca i Acció Teatral dela Universitat de València (GRATUV), desde 1997, sobre o teatro clássico no quadro da cultura grega e a sua pervivência na cultura ocidental. Os participantes neste último encontro reflectiram sobre a importância do coro, “ese personaje colectivo y a la vez singular en muchos aspectos” (p. 13). Os dezassete estudos estão dispostos em duas partes: ‘I. El Teatro Clásico’ e ‘II. La Recepción del Teatro Clásico’. Os nove trabalhos reunidos na primeira parte

⁵ emilia.oliveira@ua.pt.

estudam o papel e a importância do coro na tragédia e comédia clássicas, enquanto os restantes oito se dedicam à análise da recepção da personagem na arte contemporânea (literatura, música e cinema).

O conjunto de estudos é precedido por um texto de apresentação, 'Palabras de los Editores' (pp. 9-14), em que se descreve a intervenção do GRATUV no apoio e divulgação do estudo do teatro clássico greco-latino e sua pervivência na tradição ocidental: "Del encuentro habido, de los debates que siguieron a las exposiciones, de las reelaboraciones de los autores, de todo ello el fruto es el volumen presente, conscientes de que el objeto de estudio va a los orígenes mismos del drama occidental con todo lo que ello supone por su importancia en el desarrollo de la cultura occidental desde sus orígenes hasta nuestros días y en su proyección hacia el futuro." (p. 14).

A parte 'I. El Teatro Clásico' abre com o estudo de F. Javier Campos Daroca e Juan Luis López Cruces, "Sócrates coral" (pp. 17-53). Este trabalho apresenta diferentes abordagens da figura de Sócrates em relação a alguns elementos da cultura musical do seu tempo. Após uma introdução em que são apresentados vários "paradigmas filosóficos" do coro na Antiguidade, os AA., partindo da leitura de dois passos platónicos, *Phd.* 60-61 e *Grg.* 481c-482d, analisam, no que ao seu significado filosófico diz respeito, diferentes atitudes de Sócrates em relação à música e à poesia. Nas secções seguintes, são estudados dois aspectos da presença de Sócrates na cena cômica: a sua interacção com o coro das *Nuvens* quando estas respondem à sua chamada (*Nu.* 363-74) e a possibilidade de o próprio Sócrates aparecer como membro de um coro cômico em três comédias dos anos 20 do século V, a saber, *Connos*, de Amípsias, *Os Aduladores*, de Êupolis e *Convivas*, de Aristófanes.

No segundo estudo, "Gli occhi del coro. Appunti su teatro e comunicazione visiva" (pp. 55-118), começando por lembrar que no *theatron*, lugar específico para ver, têm de coexistir o que é "visto" (no qual residem a novidade e a especificidade do teatro), o que "não é visto" (e apenas se torna visível mediante a intervenção de *mechanaí*) e o que "não deve ser visto", Francesco De Martino aponta, entre os truques mais eficazes para ocultar o que é proibido ver, os ruídos, que substituíam as cenas violentas, e as *ekphraseis* tantas vezes levadas a cabo pelo Coro, para concluir que estes eufemismos "visuais" são, na verdade, uma forma já antiga de censura. A ampla bibliografia que acompanha este estudo revela o cuidado do A. na sua elaboração.

Com o estudo “O estásimo i do *Coloneus*: un caso de écfrese?” (pp. 119-130), Maria do Céu Fialho, partindo da hermenêutica do texto de *Édipo em Colono*, em particular, do estásimo I, procura demonstrar que a intenção de Sófocles, o mais religioso dos tragediógrafos, em diálogo com as narrativas e representações de Atena e Poséidon, era evidenciar que, numa cidade ideal, cuja força radica na consonância com uma harmonia que a ultrapassa, não há espaço para pelejas entre os deuses, mas apenas para a acção concertada das divindades protectoras (p. 129). Segundo a A., com o glorioso e promissor elogio de Colono/Atenas, Sófocles transmite a esperança e a convicção de que Atenas possui a força necessária para se reerguer”, “seja ela capaz de cultivar essa oferta de harmonia que os deuses lhe oferecem” (pp. 129-130).

Mariateresa Galaz, “El coro en las comedias de Aristófanes: personaje literario y documento histórico” (pp. 131-151), partindo de um passo da *Poética* de Aristóteles (1449a 37-49) que atesta a existência de um coro cómico, procura inferir alguns aspectos do papel que aquele desempenhava no espectáculo cómico, tomando em consideração as analogias e diferenças entre a tragédia e a comédia antiga. A A. conclui que as considerações aristotélicas sobre o coro trágico podem ser aplicadas ao coro cómico: em primeiro lugar, quando o coro entra (párodo), põe em marcha a acção dramática; em segundo, pode funcionar como um marcador para a sucessão das cenas; em terceiro, representa, também, a voz da comunidade. O texto é acompanhado de uma criteriosa lista de referências bibliográficas.

No estudo “El coro de *Persas* y *Troyanas*: la visión de los vencedores” (pp. 153-163), começando por recordar que Ésquilo assistiu ao nascimento da democracia e Eurípides, enquanto poeta trágico, foi resultado deste sistema político, David García Pérez procura demonstrar que o tema da guerra e consequente perda da liberdade era um assunto recorrentemente abordado por ambos os poetas, através de temas históricos e mitológicos, em tragédias como *Os Persas* e as *Troianas*, com vista a uma reflexão sobre o seu próprio tempo, mas também sobre o futuro.

O texto de Carmen Morenilla e Clara Gómez Cortell (pp. 165-182) procura reflectir sobre os “Mecanismos iterativos en los coros dramáticos”. Segundo as AA., como elemento constitutivo da linguagem poética, a iteração está na base de diversos processos poéticos expressivos e impressivos e de estruturas complexas que reforçam o significado dos textos e os dotam de um valor singular. As mesmas lembram que, no caso da

tragédia grega, o seu uso é particularmente evidente nos cânticos do coro, mas mostram, também, através da análise de duas passagens das tragédias *Rei Édipo* e *Sete contra Tebas*, que a interrupção de uma estrutura esperada constitui, do mesmo modo, um processo muito eficaz em momentos de grande intensidade emocional.

Segundo Pura Nieto,, “Coros femeninos en Píndaro” (pp. 183-207), as numerosas referências ao coro incluídas nas odes de Píndaro aludem sempre a um grupo constituído por homens. No entanto, existem também diversos coros femininos relevantes na poesia pindárica que, na opinião da A., têm recebido por parte dos estudiosos menor atenção. Este trabalho estuda, pois, o papel e a função destes grupos corais femininos, em especial os coros divinos de Musas, Cárites e Horas.

Em “El coro de las *Troyanas* de Eurípides y su recepción en la escena española contemporánea: *Las Troyanas* de Irene Papas & La Fura dels Baús” (pp. 209-222), Lucía P. Romero Mariscal começa por destacar a natureza singular e a importância da personagem do coro nas *Troianas* de Eurípides enquanto grupo de prisioneiras de guerra. Segundo a A., as encenações contemporâneas da peça geralmente colocam a ênfase neste grupo de vítimas femininas da agressão masculina em tempos de guerra. O seu estudo centra-se na versão cénica das *Troianas* de Eurípides dirigida por Irene Papas e Jürgen Müller e a cargo da companhia de teatro La Fura dels Baus, que estreou em Setembro de 2001, em Valência. Entre outros aspectos, a A. destaca o amplo número de coreutas postos em cena e a extraordinária vivacidade que esse número confere à sua acção. O estudo inclui ainda uma série de interessantes e elucidativas fotografias que retratam alguns dos momentos mais marcantes do espectáculo.

O texto que encerra a parte I deste volume, “Mujeres, fugitivas, suplicantes. El coro de las *Suplicantes* de Esquilo” (pp. 223-240), de Maria de Fátima Silva, pretende sublinhar a importância das palavras usadas pelo tragediógrafo, reconhecido artista da composição coral, para alertar e informar o espectador sobre a técnica por si usada na construção da identidade, movimentos e discurso do coro, esse antigo e precioso instrumento trágico. Ao contrário da comédia, a tragédia não conta com uma parábase para estabelecer o contacto entre o autor e o seu público, mas o poeta trágico, através do coro, vai encontrando formas de motivar o auditório para uma leitura atenta e especializada das convenções e para o esforço de inovação

que vai fazendo a cada momento (pp. 223-224). A A. toma como ponto de partida para a sua análise o caso do atormentado coro feminino das *Suplicantes*, segundo a mesma, testemunho importante sobre a composição convencional deste tipo de coro.

A parte II do livro, dedicada à recepção do teatro clássico, abre com o estudo de Corrado Cuccoro, “Il Coro nella drammaturgia prometeica di ispirazione sociale, da Goethe ai nostri giorni” (pp. 243-271). Desde o final do século XVIII que a luta mítica entre Prometeu e Zeus e os respectivos aliados tem sido recorrentemente usada como paradigma na conceptualização de conflitos sociais e na crítica do poder instituído. O A. reflecte, pois, sobre as formas e a importância do coro na dramaturgia prometeica de inspiração social desenvolvida a partir do final do século XVIII, partindo da análise das versões de J. W. Goethe, J. L. Brereton, J. E. Reade, S. Becquerelle, W. B. Nichols, D. G. Bridson, L. Lee, A. Sobral, G. Ryga, T. Paulin, M. Medina Vicario, T. Harrison e J. De Sena.

Ainda que no teatro moderno o coro tenha perdido a importância alcançada nas tragédias e comédias clássicas, presentemente encontramos na linguagem publicitária uma das funções do coro antigo: sugerir e transmitir um ponto de vista. Segundo Delio De Martino, “El coro publicitario” (pp. 273-290), com o propósito de se sugerir ao cliente a aquisição de produtos ou serviços, são usados em anúncios modernos, mitológicos e não mitológicos, muitos coros. O A. estuda, por conseguinte, o uso de coros nos *caroselli* e *spots* italianos criados, a partir de 1957, para publicitar e parodiar coros famosos da tradição melodramática e com o intuito último de convencer, com as mesmas técnicas do teatro antigo, um novo tipo de espectador. Este trabalho inclui um apêndice composto por dezasseis imagens ilustrativas de *caroselli* e *spots* publicitários.

Como recorda Charles Delattre, “Le “complexe de Cassandre”: interactions du chœur dans l'*Agamemnon* d'Eschyle et au-delà” (pp. 291-324), a análise dramaturgicamente clássica da tragédia grega antiga costuma separar as personagens individuais, identificadas pelos seus nomes, do anónimo e colectivo coro, enfatizando as diferenças que os separam. As personagens individuais e o coro ocupam diferentes áreas do espaço cénico, os actores que os interpretam pertencem a diferentes camadas sociais e existe um forte contraste entre discurso e *cantica* que reforça a diferenciação acima referida. Todavia, segundo o A., a análise mitopoética poderá contrariar essa

perspectiva; o exemplo de Cassandra no *Agamémnon* de Ésquilo permite-nos, na opinião do mesmo, considerar a possibilidade de agrupar sob a mesma definição coro e personagem. Neste estudo, o A. propõe-se definir um esquema actancial que resolva a tensão entre individualidade e colectividade, entre uma personagem activa e um coro que seria um mero espectador, por forma a criar uma matriz característica da cena trágica, que será útil na detecção da presença do coro em produções contemporâneas em que não era esperado encontrá-lo.

O estudo de Enrique Gavilán, “Cuando la experiencia se desvanece: el coro en el teatro postdramático” (pp. 325-357), analisa a presença do coro no teatro pós-dramático, após o seu eclipse secular. O A. defende que a sua relevância deriva das mesmas razões que explicam o aparecimento da estética pós-dramática: a vontade de intensificar a experiência teatral num mundo em que a experiência se desvanece. Após considerações de âmbito genérico, E. Gavilán propõe-se explorar um exemplo recente, “El cuello de la jirafa”, do Matarile Teatro, espectáculo que enquadra a sua peculiar coralidade num espaço cénico singular e simultaneamente revelador (p. 326). O estudo integra fotografias que ilustram momentos do referido espectáculo.

Em “Alceste. Del coro trágico al lírico: *Alceste* de Eurípides, *Alceste ou le triomphe d’Alcide* de Quinault-Lully (1701) y *Alceste* de Gluck (1767)” (pp. 359-387), Juli Leal analisa, primeiramente, a relação que o coro da tragédia euripídiana mantém com as personagens principais da peça, para, depois, perceber de que forma essa relação se altera em duas recriações do século XVIII muito bem recebidas pelo público: *Alceste ou le triomphe d’Alcide* de Quinault-Lully e *Alceste* de Gluck. A completar o estudo, no final, encontramos uma Discografia e uma Videografia.

Carlos Morais e Shao Ling, “El Coro en *La sangre de Antígona*: texto, música y puesta en escena” (pp. 389-408), estudam a importância e o papel do Coro numa recriação da *Antígona* de Sófocles, *La sangre de Antígona: Misterio en tres actos*, de José Bergamín (1895-1983). Reconhecendo embora que, no que concerne à estrutura e à reinterpretação cristã do mito de Antígona, a recriação se distancia do seu hipotexto, os AA. consideram que a mesma se aproxima do modelo sofocliano, tanto na forma como recupera o essencial do conflito trágico para o adaptar à realidade sociopolítica vivida em Espanha em meados do século XX, como na importância que atribui ao Coro na economia dramática (p. 390). Em *La sangre de Antígona*, concluem, o Coro tem um papel preponderante, pouco habitual em recriações de tragédias clássicas

levadas a cabo no século XX. Este Coro, tal como o do modelo sofocliano, comenta, opina e posiciona-se diante do conflito trágico. Quer através da recitação quer através do canto, apoiado na música de Salvador Bacarisse, contribui para a criação de uma ambiência triste e patética que põe em evidência a “impossibilidade de um ritual de comunhão”, numa Espanha que, dilacerada pela guerra civil, vivia sob uma feroz ditadura (pp. 405-406). A extensa bibliografia que acompanha este estudo atesta o rigor dos seus AA.

Romulo Pianacci, “Refuncionalización del coro trágico en el espectáculo contemporáneo” (pp. 409-418), estuda o papel do coro em três espectáculos contemporâneos de criadores muito distintos: *A Chorus Line* (1985), filme musical dirigido pelo britânico Richard Attenborough, baseado no célebre musical da Broadway criado por Michael Bennet em 1975; *Así es la vida* (1999), filme de Arturo Ripstein, baseado na *Medeia* de Séneca; *AntígonaS, linaje de hembras* (2001), do argentino Jorge Huertas. Da análise dos três exemplos escolhidos, o A. conclui que o coro, apesar de ter uma forte intervenção musical, através do canto e da dança, apresenta características significativamente diferentes, revelando, desse modo, a riqueza que pode alcançar no espectáculo contemporâneo e permitindo que se mantenha viva a tradição clássica.

O último estudo deste livro pertence a Andrés-Pociña e Aurora López, “Sustituciones del coro en versiones cinematográficas de *Fedra*” (pp. 419-433), que se ocupam da questão da substituição dos coros nas recriações modernas, tomando como objecto de estudo três actualizações cinematográficas de um tema que despertou, e continua a despertar, particular interesse, o da história de Fedra e Hipólito, presente nos hipotextos de Eurípides e Séneca, as tragédias *Hipólito* e *Fedra*, respectivamente. São elas: *Fedra*, dirigida por Manuel Mur Oti, 1956; *Desire under the elms*, de Delbery Mann, 1958; *Phaedra*, dirigida por Jules Dassin, 1962. Se o coro das mulheres e mães dos marinheiros naufragados que escutam os nomes das vítimas representa, no filme de Manuel Mur Oti, o único coro realmente trágico das três versões cinematográficas (p. 432), a verdade é que em nenhuma das recriações comparadas se renunciou a esse elemento tão importante nos modelos antigos. Em todas facilmente se reconhece a presença de um coro, quer pela sua composição quer pela sua intervenção em momentos fulcrais das películas.

O livro inclui um CD com a reprodução de 5 fragmentos (música e canto) da Ópera *La sangre de Antígona. Misterio en tres actos*, de José Bergamín e

Salvador Bacarisse, interpretada pela primeira vez por ocasião do congresso que deu origem a este volume e a cujo estudo se dedica um dos textos incluídos na parte II.

A apresentação, no final, do muito útil Índice de Nomes Antigos (pp. 435-445) vem ampliar o valor do livro. Assinalamos, no entanto, sobretudo quando se trata de um volume desta natureza, a ausência de uma bibliografia final conjunta e de um índice remissivo aos autores referenciados nos estudos coligidos.

Em suma, este livro, reunindo contribuições de muito diferentes proveniências, brinda o leitor com uma ampla e variada investigação sobre o papel e a importância do coro na tragédia e comédia clássicas e a sua recepção na arte contemporânea (literatura, música e cinema), constituindo, por isso, um contributo precioso para o conhecimento do teatro clássico grego e uma referência essencial no domínio do estudo da sua pervivência na cultura ocidental.

Johanna Hanink (2017), *The Classical Debt. Greek Antiquity in an Era of Austerity*. Cambridge (MA) & London, Harvard University Press, 338 pp. [ISBN: 978-06-749-7154-7].

HELENA GONZÁLEZ VAQUERIZO⁶ (*Universidad Autónoma de Madrid — España*)

En su reciente monografía Johanna Hanink, profesora titular de Clásicas en la Universidad de Brown, aborda la cuestión de la “deuda griega” no desde el punto de vista de lo que Grecia debe a sus acreedores financieros, sino desde el de la deuda que la civilización occidental tiene contraída con la Antigüedad clásica. Esta “deuda clásica” se compone del legado inmaterial que conformarían principios como la democracia, la filosofía, las matemáticas o el arte, y de los restos materiales de una cultura en la que ha querido verse el origen de la civilización occidental. Hanink estudia el papel de la Antigüedad griega en el periodo de austeridad propiciado por la crisis económica aplicando conceptos bien asentados sobre la idealización del pasado griego desde la propia Atenas clásica, pasando por los siglos XVIII y XIX y hasta nuestros días. El interés fundamental del estudio radica, por un lado, en la constatación de los efectos del “cripto-colonialismo” (Michael Hertzfeld) o “colonización de la mente” (Artemis Leontis) sobre Grecia y en especial en

⁶ helena.gonzalez@uam.es. Reseña enmarcada en el proyecto *Marginalia Classica Hodierna*. Tradición y Recepción Clásica en la Cultura de Masas Contemporánea (FFI2015-66942-P).

el contexto de la crisis. Por otro, en la paradoja, implícita en el título y presente a lo largo del trabajo, de que el país más endeudado de Europa sea aquél al que nuestras sociedades reconocen deber más en el plano intelectual.

El libro, magníficamente editado por Harvard University Press, consta de un prefacio, siete capítulos, un epílogo, notas, bibliografía comentada, créditos de las ilustraciones e index. Su tono es divulgativo y ameno sin que le falte rigor académico, por lo que su lectura puede resultar interesante tanto para el aficionado como para el especialista.

En el prefacio Hanink explica la génesis de la obra y emplea un procedimiento que se repite al comienzo de cada capítulo: la utilización de una anécdota referida a la cultura popular, en este caso un cómic de Arkas, como introducción a cuestiones de acuciante actualidad o de índole teórica. El primer capítulo, "Champions of the West" (Campeones de Occidente), sirve de introducción general al tema del libro y de presentación.

En los capítulos siguientes la autora examina cómo se formó y evolucionó la noción de una deuda abstracta con Grecia que ha servido y sirve como campo de batalla en cuestiones de mayor envergadura. El segundo capítulo, "How Athens Built Its Brand" (Cómo construyó Atenas su marca), analiza la propaganda política ateniense que contribuyó a la creación ya en la Antigüedad de la imagen ideal de la civilización griega. El tercer capítulo, "Colonizers of an Antique Land" (Colonizadores de una tierra antigua), da un salto hacia delante hasta la época en que los primeros viajeros occidentales marcharon a Grecia con su bagaje clasicista y, a menudo, quedaron desilusionados por la realidad del país. En el cuarto capítulo, "From State of Mind to Nation-State" (De estado mental a estado nacional), se aborda la Guerra de Independencia y el papel de las potencias europeas en la formación de una identidad occidental para el nuevo estado. El quinto capítulo, "Greek Miracle 2.0" (Milagro griego 2.0), ahonda en la ambivalente relación que desde la independencia se estableció entre Grecia y sus admiradores occidentales y en cómo en momentos decisivos el legado clásico ha sido reivindicado por una y otra parte. El sexto capítulo, "Classical Debt in Crisis" (La deuda clásica en crisis), se centra en los años previos al colapso económico y en la propia crisis, analizando el papel de las metáforas clásicas en el tratamiento de esta en los medios de comunicación. El séptimo y último capítulo, "We Are All Greeks?" (¿Somos todos griegos?), termina de desmontar el ideal del clasicismo griego, poniendo sobre la mesa las realidades de nuestro siglo y la diversidad de la

sociedad griega actual. Finalmente, en el epílogo Hanink hace algunas sugerencias a los docentes para que tengan en cuenta las implicaciones de nociones tan asentadas como que Grecia es la cuna de la civilización occidental, que hubo un “milagro griego” o que existe una “deuda clásica”, y para que sean conscientes de la presencia de un discurso y un ideario determinados en gran parte de los manuales y materiales manejados en la enseñanza.

Sin duda, estas últimas advertencias de Hanink resultan muy pertinentes y constituyen un punto fuerte, aunque secundario, de la obra. Otro aspecto tangencial, pero muy positivo, es el hecho de que la autora haya podido contar en múltiples ocasiones con el testimonio directo de personalidades tan relevantes como el arqueólogo Yannis Hamilakis o el ex-ministro de finanzas griego Yanis Varoufakis. Y sin duda es elogiable que Hanink aclare su postura de no injerencia respecto a reivindicaciones griegas o foráneas relacionadas con la “deuda clásica”. No obstante, la neutralidad absoluta no es posible ni deseable y en el caso de la autora el filhelenismo resulta evidente. Pero, quizá, la mayor aportación de esta monografía sea la luz que Hanink arroja sobre la sociedad griega actual y sobre fenómenos que están teniendo lugar en esta sin que a menudo el mundo occidental sea demasiado consciente: fenómenos como la poesía o el cine contemporáneos que no beben exclusivamente de la Antigüedad clásica, sino que ilustran una identidad neogriega propia.

Françoise Frazier & Olivier Guerrier (coords.), *Plutarque. Éditions, Traductions, Paratextes*. Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016. 229 pp. ISBN 978-989-26-1305-5. DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1306-2>.

JOAQUIM PINHEIRO (*Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra – Portugal*)⁷

Reúne este volume trabalhos que foram apresentados no Réseau Thématique Plutarque Européen, na Universidade de Toulouse, que decorreu em Setembro de 2014. Coincidiu, infelizmente, a sua publicação com o falecimento da Professora Françoise Frazier, ilustre classicista e uma das principais investigadoras, nas duas últimas décadas, da obra de Plutarco. Com toda a justiça, o livro abre com uma nota prévia, em que, de forma breve, são realçados os valores da mulher e o saber da professora, com especial

⁷ pinus@uma.pt.

ênfase no seu extraordinário trabalho científico, filológico e pedagógico. Os caminhos de análise filológica, de grande profundidade filosófica, que foi abrindo são a maior herança que Françoise Frazier nos deixa, sobretudo para aqueles que de forma mais próxima foram ouvindo as suas lições e reflexões.

Na apresentação do volume, os editores explicam o facto de, desde a criação da Rede Europeia, o tema da recepção de Plutarco ser um dos mais importantes. Por isso, em Toulouse, o principal objectivo foi o de reflectir sobre a presença de Plutarco na Renascença e no Humanismo, não só sobre o tema da transmissão do pensamento, como questões mais do domínio da ecdótica. Nesse sentido, os doze estudos que integram este volume estão distribuídos e organizados em três partes: 1ª parte) Traductions Humanistes (cinco estudos); 2ª parte) Philologues humanistes et éditions modernes (quatro); 3ª parte) Réceptions et paratextes (três).

Na primeira parte, F. Tanga (“Il *De fraterno amore* di Plutarco tra Thomas Naogeorgus, Ludovicus Russardus e Stephanus Niger”) demonstra como intelectuais do século XVI estudaram, traduziram e editaram o tratado *De fraterno amore* de Plutarco, usando a língua latina. No caso de Stephanus Niger (versão latina do nome Stefano Negri), fez uma *aemulatio* do tratado de Plutarco, a que deu o título de *De fraterna benevolentia*, tratado que foi publicado em 1518 e em que o autor revela estar mais interessado com o tom moral e didáctico do texto do que com aspectos mais formais e argumentativos. Por sua vez, Thomas Naogeorgus (versão latina do nome Thomas Kirchmaier) publicou, em meados do século XVI, uma tradução latina de sete tratados morais de Plutarco, em que se inclui o *De fraterno amore*, de grande valor filológico e filosófico, como o A. prova com diversos exemplos, comparando a tradução latina com várias edições da época e com edições mais recentes (e. g., a teubneriana). Também Ludovicus Russardus (versão latina do nome Louis Rousard), além de outros trabalhos de tradução, publicou, em 1559, uma versão latina do tratado *De fraterno amore*, trabalho que se distingue, igualmente, pela probidade do trabalho filológico. Como o A. realça, estas traduções continuam a ser úteis para quem se dedica à crítica textual.

P. Volpe Cacciatore (“Le traduzioni del *De audiendo* di Plutarco in Età Umanistica”), usando uma metodologia filológica bem definida, em grande proximidade com o texto, confronta vários passos do tratado *De audiendo* (37D, 38E-F, 39E-40A, 41C, 41E-F, 42C, 43B) com as traduções latinas de Paccus (versão latina do nome Richard Pace, 1482-1536), Calphurnius

(Giovanni Calfurnio, 1443-1503) e Luscinius (Othmar Luscinius, 1487-1537). Além disso, a A. reforça a sua análise com a comparação que faz com edições mais recentes do referido tratado de Plutarco, detendo-se em interessantes comentários de crítica textual. À semelhança do artigo anterior, fica demonstrado o valor das traduções dos Humanistas para a compreensão do texto de Plutarco.

O contributo de G. Pace (“Terminologia teatrale plutarchea nelle prime traduzioni a stampa”) tem por objectivo analisar como o léxico teatral em alguns passos das biografias de Plutarco (*Pomp.* 9.3; *Brut.* 31.6; *Demetr.* 53.1; *Mar.* 27.2; *Luc.* 11.2; *Luc.* 21.3; *Nic.* 5.3; *Mar.* 17.5; *Pomp.* 31.6) é traduzido nas edições compiladas por Giovanni Antonio Campano, por volta de 1470, em que se incluem humanistas como Jacopo Angeli, Donato Acciaiuoli, Antonio Pacini, Leonardo Giustinian e Alamanno Rinuccini. Além disso, a A. estabelece uma comparação com as traduções de Amyot e Xylander. Conclui-se que as traduções seguem diversas modalidades: por vezes a tradução é bastante literal, mas noutras acentua-se o valor metafórico, seja por meio de uma terminologia teatral mais técnica, seja menos técnica. Além disso, ao contrário da tradução de Amyot, a de Xylander opta por uma maior “concentrazione espressiva” (64).

Como profunda conhecedora do trabalho de tradução de Amyot, F. Frazier (“Amyot traducteur des *Oeuvres Morales*. Des *Marginalia* à la version française: l’utilisation des *Vies*”) analisa, de forma exaustiva, os *marginalia* da tradução francesa dos *Moralia*, em particular as catorze anotações que remetem para as *Vitae*. Dessa forma, percebe-se a intenção do tradutor em elucidar a compreensão filológica e também de conteúdo do texto grego. Além disso, a A. dá três exemplos de ‘traductions augmentées’ dos *Moralia* a partir das *Vitae*. Com isso, demonstra como o complexo trabalho de tradução de Amyot, por vezes de recriação em função do leitor, recorre a textos paralelos, como as biografias e a outros textos de autores clássicos, que aproximam, na perspectiva da A., a tradução da forma de criação literária.

L. Lesage Gárriga (“Le mythe du *De facie* de Plutarque traduit par Amyot”), por sua vez, baseando no labor de tradução de Amyot do tratado *De facie*, conservado na edição de Bâle de 1542, analisa as principais características desse exercício de tradução, em particular o mito escatológico que surge no final do referido tratado (940F-945E). A A. identifica, na tradução,

vários exemplos de introdução de leituras pessoais, de pequenos ajustamentos e explicações no sentido de tornar o texto mais compreensível para o leitor e também de omissões. Além disso, este contributo realça o facto de as edições do século XIX, como por exemplo a de Wyttenbach, incorporarem muitas das propostas de Amyot, e, de forma errada, as edições do século XX, nomeadamente as de M. Polenz e H. Cherniss, se declarem devedoras das edições do século XIX, quando, na verdade, deveriam remeter para o trabalho de Amyot. Logo, sugere-se que o aparato crítico dessas edições deva ser revisto, em consonância com uma leitura correcta da tradição textual.

O primeiro trabalho da 2ª Parte é o de B. Demulder (“Adrien Turnèbe in recent editions of Plutarch’s *De animae procreatione*”) que interpreta a influência do humanista Adrien Turnèbe (em latim, Adrianus Turnebus, 1512-1565), muito elogiado por Montaigne, em três edições recentes do tratado *De animae procreatione*: a da Teubner de K. Hubert, corrigida por H. Drexler (1959), a da Loeb da responsabilidade de H. Cherniss (1979) e a do *Corpus Plutarchi Moralium* por F. Ferrari e L. Baldi (2002). De facto, estas edições remetem, no aparato crítico, para Turnèbe, mas, como o A. salienta, há alguns erros de interpretação. Não é objectivo deste artigo analisar todos os *marginalia* de Turnèbe, nem simplesmente criticar a forma como as edições recentes, no aparato crítico, os usam, mas antes enfatizar a complexidade do assunto. O trabalho de Turnèbe, que terá usado como fonte principal um exemplar da edição de Aldo Manúcio, deve merecer o maior interesse e cuidado de análise, pois não foi apenas tradutor ou editor, mas um atento leitor do texto de Plutarco.

O estudo de A. Pérez-Jiménez (“Los habitantes de la luna (Plu., *De fac.* 944C-945B). Notas críticas sobre las propuestas textuales y traducciones del XVI”) analisa alguns passos complexos do *De facie*, em que aparecem referências aos *daimones*, tendo por base a leitura de eruditos do século XVI, como Leonicus, Vietorius, Schottius, Turnebus e outros anónimos, bem como as traduções dos séculos XVI-XVII de Xylander, Amyot, Cruserius e Keppler. A apurada e cuidada análise do A. permite concluir que as anotações críticas e as traduções dos humanistas, em particular a agudeza filológica de Amyot, tiveram um impacte elevado no estabelecimento do texto pelos editores, desde Wittenbach até mais recentemente Donini.

S. Amendola (“Su due passi del *De sera numinis vindicta*: traduzioni umanistiche, ecdótica ed esegesi moderne”) demonstra como o trabalho

filológico dos humanistas (Pirckheimer, Connan, Hottamn, Tarcagnota, Gandino, Gracián, Xylander, Estienne, Cruserius, Amyot, entre outros) pode enriquecer e esclarecer a interpretação feita pela ecdótica moderna (por exemplo, Reiske, Hackett, Peabody, Prickard, Pohlenz, Ziegler, Vernière, Guidorizzi ou Aguilar). Para o provar, o A. analisa, em pormenor, dois passos do tratado *De sera numinis vindicta* (550B-C e 552D-E) que suscitam várias dificuldades de interpretação.

A concluir a 2ª Parte, o artigo de F. Becchi (“Problèmes textuels et choix d’interpretative choices in Plutarch’s writing on animal psychology”) defende a necessidade de se distinguir o acto de traduzir *verbum de verbo* do trabalho filológico *traducere ad sententiam*, sendo este método mais característico dos humanistas. Apontando, com muita clareza, vários problemas textuais e algumas hipóteses de interpretação, o A. analisa dois textos do tratado *Bruta animalia* (987F, sobre a coragem; 992E, dedicado à inteligência dos animais) e um texto do tratado *De sollertia animalium* (963F, relacionado com a teoria estóica e peripatética sobre a inteligência dos animais). No caso do tratado *Bruta animalia*, tem-se em conta, sobretudo, três traduções do século XV (Cassarino, Birago e Regio), enquanto para o outro tratado de Plutarco se comparam as traduções de Xylander, Wyttenbach e Dübner.

A 3ª Parte deste livro começa com o contributo de M. Meeusen (“The shifting realities of Plutarch’s natural problems. A note on the reception of *Quaestiones naturales*”). Sem se deter em questões filológicas, o objectivo principal do A. é dar alguns exemplos da recepção do tratado *Quaestiones naturales*, apontando quatro exemplos: Michael Psellus (*De omnifaria doctrina*, séc. XI), Juan de Pineda (*Diálogos familiares da Agricultura Cristiana*, 1589) e duas traduções latinas do tratado de Gybertus Longolius (1542) e Pedro Juan Núñez (1554). De facto, este tratado foi bastante valorizado, talvez por revelar influências dos *Problemata physica*, o que levou, de forma errada, a classificar Plutarco de ‘cientista aristotélico’, esquecendo-se o modelo platónico.

A. Martins (“L’éditio et la traduction de Plutarque dans l’oeuvre de l’humaniste portugais Andreas Eborensis: *Loci communes sententiarum et exemplorum* (1569)”), consciente do processo dinâmico da recepção, como a *imitatio* ou a *contaminatio*, identifica e analisa a presença dos *Moralia* de Plutarco na obra *Loci communes sententiarum et exemplorum* (1569), de Andreas Eborensis (versão latina do nome André Rodrigues de Évora), um teste-

munho relevante de como a obra do Queronense também exerceu um considerável fascínio nos humanistas portugueses.

Por fim, o estudo de O. Guerrier (“L’ordre du discours: sur les sommaires et manchettes des «contrefaçons» Goulart des *Oeuvres Morales et meslées*”) realça a importância da obra de Goulart, intitulada *Oeuvres Morales et meslées de Plutarque* (1581) e conhecida pelo termo “contrefaçons”, por ter sido a primeira recepção, de âmbito editorial, do “Plutarque françois” e ter gozado de grande prestígio até 1640. Como o A. defende, pela sua estrutura e anotações, tratar-se-ia de uma obra sobretudo com objectivo didáctico e que, além disso, serviu de guia para o Plutarco de Amyot. Procura-se, ainda, apontar algumas tendências culturais e religiosas por parte de Goulart na leitura de Plutarco.

A par de outras publicações sobre a *traditio* da obra de Plutarco, este volume, além de muitas outras reflexões, enfatiza uma perspectiva muito interessante: quanto mais conhecermos o trabalho realizado por dezenas de eruditos, sobretudo entre os séculos XV a XVI, melhor saberemos interpretar o texto plutarquiano. Estamos, sem dúvida, na presença de um volume com estudos que correspondem aos objectivos definidos e que revelam, de forma rigorosa, um sólido conhecimento da obra de Plutarco, seja numa vertente mais filológica, seja, sobretudo, com a intenção de valorizar a *traditio*. Saliente-se, ainda, a utilidade para o leitor do *index locorum* e do *index nominum*.

Ana María S. Tarrío, *Leitores dos Clássicos. Portugal e Itália, séculos XV e XVI: uma geografia do primeiro humanismo em Portugal*. Nota de Vincenzo Fera. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal – Centro de Estudos Clássicos, 2015, 127 pp., il. – (catálogos) ISBN 978-972-565-567-2 (ed. impr.); 978-972-565-568-9 (ed. eletrónica).

XAVIER VAN BINNEBEKE⁸ (*Catholic University Leuven – Belgium*)

The publication under review documents the exhibition *Leitores dos Clássicos. Edições italianas na transição do século XV para o século XVI*, held from 6 November 2015 to 30 January 2016 in the Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Twenty items from the library were on show: sixteen Italian incuna-

⁸ xavier.vanbinnebeke@kuleuven.be; xbinnebeke@hotmail.com.

bula, three Spanish ones, and a book issued in Basle in the 16th century⁹. The catalogue, authored by Ana Tarrío of the Centro de Estudos Clássicos in Lisbon, opens with a prologue that positions Portugal during the reigns of João II and Manuel I on the fringes of the Europe-wide intellectual, educational, and literary culture and practice of humanism. Three exhibition items — Inc. 523, 832, and 462 — are explicitly singled out on the basis of their provenance and contemporary marginalia. They embody the import of humanist editions of the Classics from Italy to Portugal, the development of education and literary composition at the Portuguese court, and the philological preparation of Portuguese students in Italy. The other exhibits are similarly presented as witnesses to these developments, though signs of their use in Portugal during the late 15th and early 16th centuries are said to be less evident. Tarrío underscores, in addition, the need for further investigations into the Italian incunabula of the BNP and other Portuguese collections, and announces that the materials on show will be relevant for her thematic epilogue dealing with the chronology and definition of Portuguese humanism, a difficult field of research « inteiramente dependente da elucidação da cronologia e modalidades de receção dos modelos humanísticos oriundos da Península Itálica.» (11).

After the prologue Vincenzo Fera considers in an articulate note Agnolo Poliziano's seven months' course on Pliny's *Natural History* for a group of English and Portuguese students in 1489-1490. He illustrates in particular the importance of the aforementioned Inc. 462, a copy of Filippo Beroaldo's 1480 edition of Pliny. It has the ex-libris of Tristão Teixeira, the son of a Portuguese courtier who sent the young boy and his brothers Álvaro and Luís to study with Poliziano in Florence. In a few pages Fera is able to capture the essential: the Pliny, and in particular its fascinating, multi-layered apparatus, constitute a crucial witness to the philological endeavors and teachings of Poliziano. The notes transmit, for instance, readings from an unidentified source examined by the scholar during his lectures, and provide a key to critically analyze his subsequent use of the *Castigationes Plinianae* of Ermolao Barbaro. Fera's conclusion that the Teixeira actively participated during the course is, moreover, convincing. Poliziano praises the three brothers in a letter to their father (POLITIANUS (1498) *Ep.* X, 3), and it appears

⁹ Cf. *Leitores* n.1. In the text references to page numbers from *Leitores* are placed between round brackets.

Tristão added part of the notes. What is more, I am certain that many of the remaining marginalia are undoubtedly by the same hand as Naples, Bibl. Nazionale, V. D. 43, a *recollecta* of Poliziano's course on Svetonius (1490/91) that with good reason was attributed by Fera in 1983 to either Tristão or Álvaro¹⁰. Anyway, a future edition of the marginalia will undoubtedly include a careful paleographic analysis, and thanks to the e-copy provided by the BNP preliminary work can start without delay¹¹.

Next Ana Tarrío treats the exhibits in twelve chapters that abound in erudite detail and touch upon interesting topics, such as, Poliziano's *docta varietas* and the development of Romance poetry at the court of João II and Manuel I (ch. 5), Pliny, the geographic nomenclature of humanism, and the concept of *translatio imperii* (ch. 6), the reception of Roman elegiac poetry (ch. 9), Portuguese translations of Cicero (ch. 10), and the influence of Antonio de Nebrija on Portuguese *studia humanitatis* (ch. 11), to name but a few. Throughout Garcia de Resende's *Cancioneiro geral* (1516) and its poets play a pivotal role. Entirely new to me are, admittedly, the use of and reflections concerning «imagética poética quinhentista» (ch. 8) and the «Quinto Império» (ch. 12).

But let us focus on the sections that discuss the three incunabula earmarked in the prologue. Chapter 1 — *A importação de impressos italianos e a educação humanística nas cortes de D. João II e D. Manuel I* — features, to begin with, Inc. 523. Primarily the volume serves to buttress Tarrío's narrative that the import of Italian books during the late 15th and early 16th centuries should not be overlooked when considering the impact of Gutenberg and humanism on educational reforms in Portugal. Inc. 523 is an unfortunate choice though, as it is unlikely to have arrived in Portugal at an early date: the note at the end of the volume does not record its sale in or import to *Lisbona* during the renaissance as Tarrío suggests with her transcription, but concerns *Tortona* in Piemonte, Italy. Various *ex-libris* extant indicate, moreover, that the incunabulum belonged to a monastery in this town throughout the early modern period.¹² In contrast, Tarrío does succeed in addressing the theme of

¹⁰ FERA (1983) 21.

¹¹ See *Leitores* n. 88; <http://purl.pt/26240>. Erased notes on the flyleaves can only be studied *in situ*.

¹² SUL MENDES (1988) n° 1053. A reference to a bookseller, in Italian and possibly 18th c., is recorded at the beg. of book 2. For other exhibits effectively never handled by

this chapter by discussing quite diligently the royal book patronage and the libraries of Portuguese intellectuals, some of which were well stocked with works printed in Italy (21-27). She highlights, for instance, the royal concessions to (French) booksellers, and a couple of humanist editions in Manuel I's possession. Jorge Vaz da Costa (d. 1501) and his classical and humanist books are also introduced, as well as João Rodrigues Sá de Meneses and the texts he used for the composition of his *De Platano* (1527-1537), and Cataldo Siculo, the influential Italian preceptor at the Portuguese court who undoubtedly owned and promoted the editions of his homeland. Some of her arguments are more conclusive than others. Why, for instance, cite the *Statutes* of the Bolognese *librarii* (24)? Moreover, it ought to be underscored that many books were presumably acquired in Italy, one of the main destinations of the cultured and ecclesiastical Portuguese elite, and therefore not 'commercially' imported. Nonetheless, on the whole this section makes for interesting reading, especially when we take a closer look at the annotations in some of the volumes.

Inc. 832, containing the *Heroides* of Ovid printed in Venice in 1492 with commentaries by Antonio Volsco and Ubertino Clerico, is at the center of attention in the second chapter. It displays all the marks of classroom use and is a good example of an Italian incunabulum handled by Portuguese students: both text and humanist commentary have been annotated in Latin and the vernacular. Tarrío's analysis of the orthography of the Portuguese glosses is informed, and allows her to assign a date close to de Resende's *Cancioneiro*. Unfortunately readers often cannot easily check the passages discussed, and while the assessment of the handwriting of the annotators (30 n. 42) is fairly unproblematic, the transcriptions provided in footnotes 53-55, 57-61 are too often incorrect or inconsistent. Particularly disconcerting is footnote 59 which deals with grammatical glossing: the second annotating hand (M2) writes a perfectly understandable *submersus*, but Tarrío notes «[...] Did 60 M2 *ne bibat aequoreas naufragus hostis aquas* 'subjuntiva', o anotador explica o valor do termo 'ne' optativo [...]»! Be that as it may, Inc. 832 is indubitably of significance for the history of education in renaissance Portugal and Tarrío has facili-

Portuguese renaissance readers see comments to ch. 5 *infra*. The remaining items all presumably do have a fairly early Lusitanian provenance; still, only Inc. 462's provenance history can be accurately reconstructed. Note: I did not consult the Plutarch volumes (ch. 12).

tated future research. Her contextualization of the *Heroides* is, for instance, ultimately of interest. She points out that it was mined by the poets «alatinados» of the *Cancioneiro*, and used by Poliziano's former pupil Luís Teixeira to teach Latin to Manuel I's son, the future king João III.

After a brief appraisal of the reception in Europe of editions of Italian humanist commentaries on the Classics (ch. 3), Inc. 462, the Teixeira, and D. João return to the stage (ch. 4). Tarrío suggests that, after Tristão Teixeira had died in 1497, one of his brothers brought the incunabulum to Portugal, «juntamente com outras edições de autores latinos e gregos, adquiridos pelos três irmãos». While the latter claim is likely, but not proven, it is worthy of note that, according to an early 17th century source, Luís Teixeira included in his curriculum for D. João «alguma cousa de Plínio» — that is, presumably, the *Natural History*. The impact of Pliny's compendium and its humanist editorial tradition on works by other courtiers is, moreover, evident. Tarrío refers, for instance, to Martim de Figueiredo's *Commentum in Plinii Naturalis Historiae Prologum* (1529), one of the very few humanistic commentaries printed in 16th century Portugal. She also highlights how Inc. 462 later belonged to Gaspar Barreiros (d. 1574), another prominent intellectual. Thus Teixeira's Pliny provides not only an excellent sample of the philological prowess of Poliziano — as Vincenzo Fera has shown —, but also an invaluable witness to how humanist reading practices and methods could take root among the members of Portugal's elite. Inc. 462 is, undeniably, one of the most eloquent items unlocked by this exhibition (cf. ch. 11; TARRÍO 2007).

The epilogue is lengthy and theoretical. Tarrío recaps, firstly, the scholarly debate concerning the chronology of Portuguese humanism. She sides with Américo da Costa Ramalho, designating the period before the publication of de Figueiredo's commentary the springtime of Lusitanian *studia humanitatis*. But unlike Costa Ramalho, who preferred as starting point Cataldo's arrival at the court of João II in 1485, Tarrío opts for a gradual timeline, for a process «[...] que remete para o século XV e assenta na progressiva modificação [...] da formação das elites portuguesas.» (92). Secondly she analyzes within the Portuguese context the term *humanista*, (imperial) civic humanism, and philological humanism, concluding, ultimately, that the common denominator is education originating from a new approach and interpretation of the Classics and of the «própria Antiguidade, [...] de acordo com as demandas letradas das diferentes cortes.» (90). The closing remarks

do paint, in view of the prologue's emphasis on Italian models (11), a somewhat more diversified picture: Italian humanist culture is, for instance, bedazzled by the Portuguese discoveries (93), and concerning the translator poets of the *Cancioneiro* Tarrío notes that it is key to avoid «os pontos de vista excessivamente italo-cêntricos» (95).

Tarrío has opted for a scholarly approach, and not to tailor the publication for a broad public. The result is an informative book, but not an easy read. Humanism in early modern Europe, the commentary tradition, Latin and the vernacular, these topics are treated with a certain ability. Significant material evidence from the exhibits is, however, at times ignored, or inaccurately described. The division of the chapters in paragraphs is, moreover, rather disjointed: on the one hand this simply is Tarrío's style, but on the other it seems caused by inordinate cut-and-paste from earlier publications. The pressure to deliver the catalogue on time can be sensed as well: many references are lacking from the bibliography, on occasion the content matter of the notes is inessential, their distribution arbitrary, or they contradict or duplicate text. Throughout inaccuracies have crept in, and transcriptions have not been seriously checked and are generally unreliable. Regrettably such flaws cannot but reduce the effective impact this publication will have, notwithstanding the clear interest of the many topics it addresses. In what follows, a selection of corrections and additions is offered that will hopefully serve readers and researchers.

Chapter 1

1^a) Tarrío suggests (25) that Manuel I's «dous livros da vyda de Putraco [...] de papel, esprito de letra redomda» (VITERBO (1901) 15 n° 30) were copies of Fernández de Palencia's Plutarch translation printed in Seville. The available evidence does, however, point in a different direction. Ana Buescu (2007, 158-9) emphasizes that printed items in Manuel's booklist are described as «[de letra] de forma». In the records cited by Buescu the specification «esprito», usually found in descriptions of Manuel's parchment manuscripts, reappears twice (VITERBO (1901) 15-16 n°s 29, 31). In the Plutarch entry especially the typology of the letter or typeface stands out: «redomda» (cf. also ID., 24 n° 3). Although it seems wise to ultimately verify the reading – in fact, a modern ed. of Manuel's booklist is long overdue –, it is significant that Latin Plutarch editions were generally set in a Roman, round font. Tarrío's vernacular Seville Plutarch is, on the contrary, in Gothic characters. To be sure, paper manuscripts of Plutarch in a

round humanistic hand are also extant, even if few in number (PADE (2007) 2 pt. III). 1^b) For Manuel's «liuro espirito em purgaminho que começa Lionardo Aremtyno e fala de caualaria» (VITERBO (1901) 22 n° 89) Leonardo Bruni's *De militia* and his *Oratio in funere Nanni Strozzi* are better candidates than the *Historia florentini populi* indicated by Ana Buescu (2007) 164, or the *Prohemium in Orationes Homeri* proposed here by Tarrío. The latter fundamentally deals with the orator's art (THIERMANN (1993) 64-69). Instead, the *De militia* and *Oratio* effectively concern *cavalaria*, with Bruni rejecting the French chivalric mode of knighthood and advancing a new ideal of civic knighthood. Both works are extant in many copies, and the *De militia* has been translated into Spanish. Moreover, one of Bruni's most popular vernacular pieces, the *Oratione detta a Nicolo Tolentino*, has a similar theme; even his *De primo bello punico*, translated into various languages incl. Spanish, arguably fits Manuel's volume. From this perspective the entry first and foremost calls for an examination of Bruni's concept of *cavalaria* within the Portuguese context. See HANKINS (1997) *ad ind.*; ID. (2006) 138-39; ID. (2014); JIMÉNEZ SAN CRISTÓBAL (2005) 1234-36; BRUNI, L. (MS. BNP, II. 41), *De primo bello punico, Vita Sertorii* (parchm., in Italian, pt. I, corrected by the scribe and two other hands, one of which uses methods similar to Bruni's in the top-copy of his Latin text, Oxford, Bodl., Laud. Misc. 531, for which see VAN BINNEBEKE 2012); BITAGAP (1997-2014). 2) For additions regarding D. Jorge da Costa see *infra*, comments to ch. 5. 3) Tarrío's statement (27) that D. Diogo de Sousa enriched the newly built library of the Sé of Braga with works of classical and contemporary authors, is not supported by COSTA (1985) (cf. esp. ID. 16), COSTA (1993) and NASCIMENTO (1998), all cited by Tarrío.

Chapter 2

By 1633 Inc. 832 was certainly bound in with Inc. 831 and 833 (see «non prohibitur [...]» notes Inc. 832, 833). The binding is a couple of generations older, but probably not before 1576-77 (cf. id. in Inc. 831). Whatever the exact chronology, 831 and 832 rubbed shoulders from an early date and were used by the same reader. Inc. 831, discussed briefly in n. 66 and ch. 8, has been cut up — quires are disassembled, texts imperfect —, but if complete it would have contained the *Heroides* incl. the *Rescriptio* of Ulysses to Penelope (cf. SUL MENDES (1988) n° 932; reprod. ISTC io00134000, v. 2, at 39(e7)b). This *Rescriptio* is effectively the text translated by Sá de Meneses and discussed by Tarrío as lacking from Inc. 832's edition. When and where Inc. 831 was dismembered, and if de Meneses used this or yet another edition for his translation, will presumably remain a mystery (cf. TARRÍO (2002) 379).

Chapter 3

1) This chapter opens with a brief description of Inc. 1432, a Venetian edition of 1493 containing Ovid's *Heroides* with commentaries by Antonio Volsco and Ubertino Clerico, Sappho, and Ovid's *Liber in Ibin* with a commentary by Domizio Calderini (cf. 82). Tarrío maintains (36) humanist commentaries on the Classics made Portuguese readers — for instance of the present edition — aware of the «condição instável e provisória da fixação de um texto antigo». However, she fails to produce convincing evidence. CASELLA (1975) is repeatedly cited, but focusses primarily on the development of the commentators' understanding and use of text transmission, shows little to no interest in Volsco and Ubertino, and barely comments on (general) readership. Surprisingly Tarrío does not refer to MARIANO (1993), dealing with Volsco's *Heroides* commentary and his treatment of variants. Even more remarkable is the fact that she does not discuss any of the readers' notes in Inc. 1432. Thus she misses out on important, possibly corroborating evidence. Inc. 1432, bound in with Inc. 1430 and 1431, has been annotated throughout by at least two hands. One generally adds indexing notes (*Leitores*, fig. 3), but there are also marginal references to Giovanni Tortelli, Petrarch, even to Jakob Locher's Latin translation of Brant's *Narrenschif* (1st ed. 1497). The marginal reference «vid. Absternium fo.6.» to Ovid's *Ibis* is of special interest in the present context: It undoubtedly signals a critical reader who had access to Lorenzo Absternio's *Libri duo de quibusdam locis obscuris Ovidii in Ibin* (ed. Venice, ca. 1494). One problem remains: Was Inc. 1432 really in Portugal in the period under discussion; are the annotators Portuguese? To be sure, so far I have not been able to locate a single copy of Absternio's work in a Portuguese collection. Cf. also my comment to chapter 6, *infra*. 2) The footnotes in this section are often unclear: Why refer in n. 70 and n. 72 to Inc. 832 if Inc. 1432, discussed in this chapter, contains the same edition (35); what is the sense and meaning of n. 74 (which Propertius edition, and who is B. Pecci?), or of n. 75; why refer in n. 76 to Inc. 1432, etc. etc.? 3) (38) Read *In Ibin* not *In Ibis*!

Chapter 4

Concerning Inc. 462 note: 1) The inscription «Car. XIIIJ», opposite and in the same hand as the ex-libris «De Tristam Teix[eira]» (fol. I) may be a call number and reflect a practice inaugurated by Coluccio Salutati (d. 1406). Coluccio's Pliny (Oxford, Bodl., Auct. T. I. 27 + BnF, lat. 6798), the so-called *Codex regius* used by Poliziano during his lectures and unfortunately now acephalous, probably had a comparable note (cf. TARRÍO 2007, 103; VAN BINNEBEKE (2009-10) esp. 2, app. n°12). 2) Ascription and chronology of the marginal apparatus await

clarification. It is evident, though, that the annotations illustrate the intensity of Poliziano's seven months' curriculum; his presence undoubtedly had a galvanizing effect on his students. As noted, the hands of the ex-libris and of the Svetonius *recollecta* in Naples — not in the Biblioteca Medicea (40)! — reappear in the incunabulum. They constitute, at first glance, two distinct *corpora* with respect to ink and ductus. Preliminary examinations indicate, nonetheless, that a single hand may be responsible. As a matter of fact, it would not be surprising to see the handwriting of Tristão develop considerably, even mature, under Poliziano's guidance. The hands of Álvaro and Luís probably feature in Inc. 462 as well — both attended the course and presumably also handled the book after Tristão's premature passing. To consider carefully, therefore, i.a.: a) ANTT, CC, II-115-178 (autogr. Luís, 1524); b) BNP, Res. 1000 A¹⁻³ (not seen), acc. to Sylvie Deswarte-Rosal (2016) 94 n. 34, owned by Luís and with a note possibly contemporary to his ownership; c) Rome, IPSAR, Ms. S. VI. 8 (not seen; ?autogr. Álvaro, 1528). **3)** For further volumes owned by Gaspar Barreiros (cf. 42), another possible annotator, see: SUL MENDES (1995) 1.1191, p. 338 (BPADE, Inc. 131; not seen); PINA MARTINS (1994) n^{os} 62, 82, 89 (RES 558V: annotations in two hands, one a good Italic, but neither certainly Barreiros).

Chapter 5

1) Léon Brancas de Lauraguais owned Inc. 146 (cf. the 18th c., French bookplate), the Saint-Lô priory in Rouen Inc. 1036 (a. 1655; SUL MENDES (1988) n^o 1066), and Leonis de Pina e Mendonça, a 17th c. intellectual from Guarda, Inc. 1035 (ID. n^o 1065). Hence, Inc. 1035 is the only incunabulum to have possibly been in Portugal in the 16th c. **2)** Unsurprisingly Poliziano's *Ep.* VIII, 13, addressed to the bishop of Silves D. Jorge da Costa, has not been cited in chapters 1 and 5. Indeed, hitherto it has been overlooked by Portuguese historians, even if an important key to understanding da Costa's book collecting (cf. 27 n. 24), and Poliziano's influence on Portuguese humanism. See in effect OLIVA (2006). **3)** Tarrío errs repeatedly in n. 24: for Giovanni Battista Alberti read Leon Battista—; not Flavio Biondo's *Italia illustrata* is listed in the Braga inventory but his *Roma triumphans* (undoubtedly the ed. Brescia: Bart. Vercellensis, 1482; cf. COSTA (1985) n^o 160); the inventory does list the works of Lorenzo Valla and Francesco Filelfo (cf. ID. 39, n^{os} 17, 268).

Chapter 6

Although the number of annotators active in Inc. 992 is to be confirmed, the scholar adding the note *Bracarorum* probably did so after 1531: in chapter 14

of book 3 he refers to an emendation in Beatus Rhenanus's *Rerum germanicarum* first issued in that year (CTC (1960-2014) 4.367; a copy of the 1st ed. is BNP, RES.2370//2A). Other marginalia cite, i.a., Budaeus' popular *De asse* — first issued in 1515 —, and Homer; several are in a good Greek hand. Also, a specialist ought to examine style and iconography of the fine illuminated initial of Lb. 1, app. not recorded in the scholarly literature. Remarkable, in particular, is the necklace worn by the principle ornamental figure.

Chapter 7

1) Petrarch, rather than Livy, may effectively provide the ideal backdrop to the *Cancioneiro* composition «Soube vencer etc.» by Sá de Meneses. The Florentine, exemplary poet and intellectual, used Liv. 22.51.4 (book 12 referred to by Tarrío, is not extant!) for the first lines of RVF 103 and the opening of *Ep. fam.* 3.3 (PETRARCA (1993) 16–17). Both sonnet and letter are transmitted in manuscript and print, with Sebastian Brant's 1496 Basel ed. the only pre-1500 witness to these texts at present preserved in Portugal. The copies BNP, Inc. 68 and BPADE, Inc. 179 may eventually be of interest: SUL MENDES (1988) n° 996 (n° 995, prob. only arrived in the country after 1694); ID. (1995) 1.1403. 2) In view of Tarrío's examination of Inc. 832 in chapter 2 it seems relevant to point out that Inc. 524, discussed in this section, preserves 16th c. marginalia relating to grammar, text correction, meaning and historical content. They are by several readers, and some notes are in Portuguese and/or Spanish (e.g. Liv. 1.38.2: *utensilia* / «alfayas», for which see FRANCHINI (1993) 194; *Cancioneiro* (1910–1917) 2.350). On a few pages an intriguing system of marginal reference letters and symbols has been added that remains to be decoded. 3) The binding of Inc. 524 shares characteristics with the one of Inc. 1035 (ch. 5).

Chapter 10

Tarrío's reference (57) to COSTA (1985) is injudicious. As a matter of fact, item n°16 of the 1612 inventory of the Sé of Braga that Costa comments upon, the «[...] livro de letra impresa, que se intitulla Somnium Scipionis ex Ciceronis libro de Republica excerptum, impresso em Bellonha no, digo impresso no anno de 148...», is not a copy of Cicero, but of Macrobius and undoubtedly one of the editions issued in Brescia in the 1480s *per Boninum de Boninis* (cf. ISTC). Presumably the compiler of the inventory misunderstood the name of the printer for the city of production (*Bononis* / *Bononia*). The title also fits each of the 1480s editions Boninus prepared; only the imprecise date of impression cannot be

readily explained. In Portugal several exemplars of Boninus' editions are extant, for which see SUL MENDES (1988) n^{os} 802—804, and ID. (1995) 1.1138—1139.

Chapter 11

1) The annotation in Inc. 462 discussed by Tarrío (61) actually reads *.c. procul dubio cibo duo*, and whether the reader – one of the Teixeira – was interested in medicine or pharmacy is, par consequence, not the issue. The note, accompanying Plin., *Nat.* 20.211 *prociduo* (in n. 132 Tarrío only provides the quire signature; indication of either passage or BNP e-copy image 335 would have been helpful), simply relates to Poliziano's methodology and teaching: he used the *siglum "c"* for readings from the *Codex regius* which he examined during his classes (see *supra*; FERA in *Leitores*; TARRÍO 2007)! 2) Confusing are, moreover, the references in n. 132 and the text to the marginalia *pleureticis, inguinaria argemon*, etc. Are these notes to be found in Inc. 462 or in Inc. 1483, and which *Natural History* passages are these annotations tied to?! 3) The reference on p. 62 to Inc. 523 is irrelevant – cf. my comments *supra*.

Chapter 12

For a comprehensive discussion of the historiographic concept *Quinto Império* see TRAVASSOS VALDEZ (2011) 17-32, 38-42, 318-319.

Catálogo de exemplares

1: *CIBN Lisboa* n^{os} given in this catalogue are actually those of another publication, that is SUL MENDES 1995. 2) At *Cat.* n^o 10 read Inc. 992, not Inc. 922.

Lit.:¹³

BITAGAP (1997-2014), *Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*. Berkeley, Regents of the University of California (http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_en.html)

BUESCU, A. (2007), "Livros e livrarias de reis e príncipes entre os séculos XV e XVI. Algumas notas": *eHumanista* 8 (2007) 143-170 *

Cancioneiro (1910-1917), *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Ed. A. J. Gonçalves GUIMARÃES. 5 vols. Coimbra, Impr. da Universidade.

CASELLA, M.T. (1975), "Il metodo dei commentatori umanistici esemplato sul Beroaldo": *Studi medievali* s. 3 16.2 (1975) 627-701 *

COSTA, A. Jesus da (1985), *A biblioteca e o tesouro da Sé de Braga nos séculos XV a XVII*. Braga, s.n. *

¹³ Titles followed by a * are cited in *Leitores* (cf. 101-107).

- COSTA, A. Jesus da (1993), "D. Diogo de Sousa, novo fundador de Braga e grande mecenas de cultura": *Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 anos da dedicação da Catedral, Braga, 4-5 v 1990*. Lisboa, AHP, 15-117 *
- CTC (1960-2014), *Catalogus Translationum et Commentariorum*. Mediaeval and Renaissance Latin Translations and Commentaries. Annotated Lists and Guides. 10 vols. Toronto, PIMS *
- DESWARTE-ROSAL, S. (2016), "Sous la dictée de la Sibylle. Épigraphe et Poésie. Un exemplaire des *Epigrammata Antiquae Urbis* annoté par André de Resende et Francisco de Holanda": G. GONZÁLEZ GERMAIN (coord.), *Peregrinationes ad inscriptiones colligendas. Estudios sobre epigrafía de tradición manuscrita*. Barcelona, UAB, 73-134
- FERA, V. (1983), *Una ignota Expositio Suetoni del Poliziano*. Messina, Centro di Studi Umanistici *
- FRANCHINI, E. (1993), *El manuscrito, la lengua y el ser literario de la Razón de Amor*. Madrid, CSIC
- HANKINS, J. (1997), *Repertorium brunianum: A Critical Guide to the Writings of Leonardo Bruni*, Roma, ISIME
- HANKINS, J. (2006), "The Popularization of Humanism in the Fifteenth Century. The Writings of Leonardo Bruni in Latin and the Vernacular": L. NAUTA (coord.), *Language and Cultural Change. Aspects of the Study and Use of Language in the Later Middle Ages and the Renaissance*. Leuven, Peeters, 133-147
- HANKINS, J. (2014), "Civic Knighthood in the Early Renaissance: Leonardo Bruni's *De militia* (ca. 1420)": *Noctua* 1.2 (2014) 260-82
- ISTC, *Incunabula Short Title Catalogue*, London, The British Library Board (<http://istc.bl.uk/>)
- JIMÉNEZ SAN CRISTÓBAL, M. (2005), "El *isagogicon moralis disciplinae* de Leonardo Bruni Aretino y su difusión en España: notas para el estudio de dos versiones castellanas cuatrocentistas": P.P. CONDE PARRADO, I. VELÁZQUEZ (coord.), *La filología latina. Mil años más*. Burgos: ILCYL / Madrid: SELat, 1225-1242
- MARIANO, B. M. "«Antonii Volsci Expositiones in Heroidas Ovidii»: Alconi appunti": *Aevum* 57.1 (1993) 105-112.
- NASCIMENTO, A. A. (1998), "D. Diogo de Sousa (1460-1532), bispo do Porto, homem de livros e leitor de Savonarola": *Humanitas* 50 (1998) 701-708 *
- OLIVA, A. M. (2006), "Breve nota su Jorge da Costa fratello del cardinale lusitano": *Roma nel Rinascimento* s.n. (2006) 75-86
- PADE, M. (2007), *The Reception of Plutarch's Lives in Fifteenth-Century Italy*. 2 vols. Copenhagen, Museum Tusulanum *

- PETRARCA, Francesco (1993), *Le familiari. Libro terzo*. DOTI, U. (ed.). Roma, Archivio Izzi,
- PINA MARTINS, J. V. de (coord.) (1994), *Edições aldinas da BN séculos XV-XVI*. Lisboa, BNP
- POLITIANUS, Angelus (1498), *Omnia opera Angeli Politiani [...]*. Ed. Alexander Sartius. Venezia, Aldus Manutius (ISTC ip00886000). Reprint Roma, Editrice Bibliopola, s.d. [1968]
- SUL MENDES, M. V. (coord.) (1988), *Catálogo de incunábulo da Biblioteca Nacional*. Lisboa, BNP *
- SUL MENDES, M. V. (coord.) (1995), *Os incunábulo das bibliotecas portuguesas*. 2 vols. Lisboa, Sec. Estado da Cultura / Inst. BNP e do Livro.
- TARRÍO, A. M. S. (2002), "O obscuro fidalgo João Rodrigues de Lucena": *Euphrosyne. Revista de Filologia Clássica* 30 (2002), 371-384 *
- TARRÍO, A. M. S. (2007), "O *Commentum* de Martinho de Figueiredo (1529) e as lições plinianas de Poliziano (*Naturalis Historia*, Bodleian Library Auct. Q.1.2)": A. A. NASCIMENTO (coord.), *Os clássicos no tempo: Plínio o Velho, e o Humanismo Português. Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, 31 iii 2006*. Lisboa: CEC-FLUL, 95-110*
- THIERMANN, P. (1993), *Die Orationes Homeri des Leonardo Bruni Aretino. Kritische Edition der lateinischen und kastilianischen Übersetzung mit Prolegomena und Kommentar*. Leiden, Brill *
- TRAVASSOS VALDEZ, M. A. (2011), *Historical Interpretations of the "Fifth Empire": the Dynamics of Periodization from Daniel to António Vieira*, S.J. Leiden, Brill
- VAN BINNEBEKE, X. (2009-10), "Manoscritti di Coluccio Salutati nella Stadtbibliothek di Norimberga": *Studi medievali e umanistici* 7 (2009-10) 1-28
- VAN BINNEBEKE, X. (2012), "Autograph corrections and a hitherto unrecorded dedication by Leonardo Bruni in a Bodleian copy of the *De primo bello punico*": X. van Binnebeke, *Six Contributions to Florentine Humanism from Salutati to Poliziano*. Messina, Univ. (unpublished Ph.D. thesis), 51-71
- VITERBO, F. Sousa (1901), "A livraria real especialmente no reinado de D. Manuel": *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências Moraes*, n.s., 9.1 (1901), sep. *

